



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Iule Lourraine da Silva Landinho

LIBERDADE SKINNERIANA E O MOVIMENTO FEMINISTA: um estudo a partir
do contracontrole

Palmas – TO
2019

Iule Lourraine da Silva Landinho

LIBERDADE SKINNERIANA E O MOVIMENTO FEMINISTA: um estudo a partir
do contracontrole

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II) do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof.^a Me. Lauriane dos Santos Moreira

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Lauriane dos Santos Moreira – Orientadora
Centro Universitário Luterano de Palmas – Ceulp

Prof. Dra. Ana Beatriz Dupré Silva – Avaliadora
Centro Universitário Luterano de Palmas – Ceulp

Prof. Me. Ruth do Prado Cabral – Avaliadora
Centro Universitário Luterano de Palmas – Ceulp

Palmas – TO
2019

AGRADECIMENTOS

Pode parecer clichê, mas como eu poderia me recusar a tributar ao Autor de tudo, razão da minha existência e amante da minh'alma a devida glória por oportunizar a mim a relação de um dos maiores sonhos da minha vida?!

Agradeço aos professores que tiveram relevância especial na minha formação (pessoal, teórica e técnica): Lauriane Moreira, tu me marcaste principalmente pela perspectiva de ruptura das minhas limitações. Como nossa relação me trouxe crescimento! És uma pessoa altamente reforçadora. Obrigada por tanta paciência. Iran Oliveira, obrigada por influenciar na minha responsabilidade e paixão pela Análise do Comportamento e Sonielson Sousa, obrigada por se mostrar sempre tão acessível e por toda contribuição com o que conheço hoje.

À minha família (principalmente mãe Erisnalva, avó Maria José, tia Lora e irmãos Iggor e logo), por tanto apoio, amor, paciência, afeto, investimento, suporte e confiança. Palavras não conteriam os significados que vocês têm para mim, nem mesmo as mais belas poesias do mundo inteiro!

Obrigada, mãe, por investir na minha educação, pelo cuidado, e por me ensinar tantas coisas importantes, como a necessidade de ser responsável e disciplinada para conseguir cumprir o que desejo. Sei que usarei muito de tudo isso. E também sei que não realizaria esse sonho se tu não possibilitaste. Obrigada, vó, pela torcida, orações, lágrimas e amor. Por ter me criado da melhor maneira que a senhora poderia. Te amo! Obrigada, tia Lora, pelas palavras de afirmação, investimento, sabedoria e ensinamentos. Sou muito grata por tudo isso.

Obrigada, Iggor, por ser continente das minhas alegrias, dores e inquietações. Como tens influência sobre aquilo que sou! A frase “quero ser como você” é bem válida aqui. Obrigada, logo, por mesmo longe fisicamente mostrar tanto amor e companheirismo, se fazer tão presente, acrescentar e motivar tanto. Tu és demais.

Ao meu namorado Géferson Rodrigo por ser resposta das mais inquietantes orações. Pelo cuidado, paciência, zelo e desejo de me ver mais

perto do que sempre sonhei. À cunhada mais linda que conheço: Geyslany Ribeiro. Obrigada por tudo.

Aos amigos mais chegados que irmãos, que se revelaram jóias preciosas. Vou citar alguns nomes: Alice Maciel, por me amar e sempre estar disponível a essa relação. Daniela Liberato, pelos momentos de desespero, alegria e conquistas que juntas vivenciamos. Fernanda Folha, por ter se revelado um verdadeiro oásis em tempos de deserto. Heidila Roberta, por ser, há 8 anos, a irmã mais incrível do mundo. Inês Bandeira, por ser companheira de crises e desesperos. És a prova de que a angústia realmente aproxima as pessoas! Josiane Freitas, pela partilha de zoeiras, risadas e alegrias – desde antes mesmo de eu entrar no curso. Raíssa Bitzcof, por me inspirar tanto, principalmente no amor por Deus, maternidade e infância. Samila Viana, por me suportar nas crises mais ínfimas e grandes da minha existência. Como fizeste a diferença neste tempo que passou! Vitor Dimitry, por ser aquele amigo 10 de 10, presente mesmo quando eu falho e não consigo agir como amiga. Obrigada, obrigada, obrigada! Por me amarem, me ouvirem, escolherem e me respeitarem na minha forma de existir!

E por fim, mas não menos importante, aos que contribuíram de forma direta ou indireta para a chegada até ao presente lugar. MUITÍSSIMO obrigada! Agora posso reforçar toda a gratidão do meu coração a Jesus: "o início, meio e fim. Da vida o amor".

Os principais problemas enfrentados hoje pelo mundo só poderão ser
resolvidos se melhorarmos nossa compreensão do comportamento
humano
(SKINNER, 1974, p. 11).

RESUMO

LANDINHO, Iule Lourraine da Silva. **Liberdade Skinneriana e o Movimento Feminista: um estudo a partir do contracontrole**. 2019. 62 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas - TO, 2019.

No presente estudo buscou-se como objetivo geral descrever o contracontrole exercido por mulheres do movimento feminista em Palmas – TO a partir de grupo específico. Tal objetivo foi dividido nos específicos, que se baseiam em: conhecer as variáveis (históricas e atuais) que favorecem o engajamento das mulheres no movimento feminista; descrever os estímulos aversivos e apetitivos que o contracontrole produz nas mulheres do movimento feminista e discutir os efeitos do comportamento de contracontrole nas esferas pessoal e social das mulheres do movimento feminista. A metodologia adotada consistiu na pesquisa qualitativa, o local de realização metodológico foi pesquisa de campo e o objetivo metodológico pesquisa exploratória e descritiva. Os resultados encontrados foram analisados à luz da Análise do Comportamento e Feminismo, sendo a Análise Funcional a ferramenta conceitual adotada. Os principais resultados apontaram para o quão reforçador o grupo se torna no que se refere à emissão de comportamentos de contracontrole, compatíveis com o feminismo. É importante frisar, ainda, que a variabilidade comportamental é muito eficaz no que se refere ao enfrentamento de situações entendidas como aversivas.

Palavras-chave: Análise do Comportamento. Feminismo. Liberdade. Contracontrole.

ABSTRACT

LANDINHO, Iule Lourraine da Silva. **Skinnerian Freedom and the Feminist Movement: a study from the countercontrol**. 2019. 62 p. Course Completion Work (Undergraduate) - Psychology Course, Lutheran University Center of Palmas, Palmas - TO, 2019.

In this present study the general objective was to describe the counter-control exercised by women of the feminist movement in Palmas - TO from a specific group. This objective was divided into specific ones, which are based on: knowing the variables (historical and current) that favor the engagement of women in the feminist movement; to describe the aversive and appetitive stimuli that countercontrol produces in the women of the feminist movement and to discuss the effects of countercontrol behavior in the personal and social spheres of the women of the feminist movement. The adopted methodology consisted in qualitative research, the place of methodological achievement was field research and the methodological objective was exploratory and descriptive research. The results were analyzed in the light of Behavior Analysis and Feminism, with Functional Analysis being the conceptual tool adopted. The main results pointed to how reinforcing the group becomes with regard to the emission of countercontrol behaviors, compatible with feminism. It is important to emphasize that behavioral variability is very effective in dealing with situations understood as aversive.

Keywords: Behavior Analysis. Feminism. Freedom. Countercontrol.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 História do movimento feminista	12
2.2 Behaviorismo Radical: liberdade e contracontrole.....	17
3 METODOLOGIA	28
3.1 Tipo de Estudo.....	28
3.2 Objeto de Estudo ou População e Amostra.....	29
3.3 Local	29
3.4 Materiais e Instrumentos.....	30
3.5 Procedimentos.....	30
3.5.1 Aplicação da entrevista.....	30
3.5.3 Análise dos dados coletados.....	30
4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	31
4.1 ASPECTOS ÉTICOS.....	31
4.1.1 Riscos.....	31
4.1.2 Benefícios.....	32
4.1.3 Desfechos.....	32
4.1.3.1 Primário.....	32
4.1.3.2 Secundário.....	33
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
5.1. Apresentação do grupo.....	34
5.2 Análise das entrevistas.....	34
5.3 Dados gerais das participantes.....	36
5.3,1 Bertha.....	36
5. 3. 2. Chimamanda.....	36
5. 3. 3. Rebeca.....	39
5, 3. 4. Simone.....	42
5.3.5. O contracontrole exercido pelas participantes.....	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES	57

1. INTRODUÇÃO

As desigualdades costumam estar presentes na vida dos indivíduos e, por essa razão, geram prejuízos às pessoas que as vivem. É nesse cenário que o movimento feminista surgiu, para combater desigualdades em relação às questões que envolvem gênero. Assim, o feminismo pode ser entendido como um movimento social que tem como característica predominante a reivindicação de direitos de cunho social e político.

No presente trabalho buscar-se-á compreender, sob a perspectiva da Análise do Comportamento, se as mulheres participantes de dado grupo feminista estão conquistando o resultado a que o movimento se propõe, sendo que o desenho desse estudo será detalhado adiante.

Nesse contexto, a Análise do Comportamento, uma dentre tantas abordagens psicológicas, estuda não apenas as interações estabelecidas entre indivíduo e ambiente de forma isolada, mas também olha para o conjunto de indivíduos, ou seja, para o comportamento que ocorre no grupo. A abordagem em pauta entende que todo indivíduo é controlado. Assim, no comportamento grupal, podem-se encontrar ações de resistência em relação às instituições de controle, existentes a partir do conhecimento das variáveis que cercam a realidade – os referidos comportamentos recebem o nome de contracontrole.

A emissão de tais comportamentos tem como foco gerar mudança de ordem estrutural, seja em nível pessoal, seja em nível coletivo. Tal ação vem em virtude da compreensão de que, em situações extremamente aversivas (diz-se, de controle opressor), pode-se contracontrolar e contribuir, dessa forma, para relevantes melhorias do contexto em que se vive (SKINNER, 1983).

Desse modo, a pesquisa relacionará Feminismo e Análise do Comportamento, tendo em vista que a Análise do Comportamento é capaz de abarcar a adequada compreensão do grupo, bem como levar ao entendimento se está havendo contracontrole ou não.

Assim sendo, o problema de pesquisa do presente trabalho consiste na seguinte pergunta: de que maneira o movimento social feminista em Palmas-TO exerce contracontrole a partir da perspectiva skinneriana?

A hipótese levantada é de que diante dos expressivos números de violência que permeiam o contemporâneo cenário social, compreende-se que comportamentos precisam ser emitidos visando à amenização do problema apresentado. Assim, o movimento social feminista em Palmas-TO, por meio da emissão de comportamentos de resistência à violência e à desigualdade de gênero, exerce contracontrole.

Considerando o cenário acima, o objetivo geral deste estudo é descrever o contracontrole exercido por mulheres do movimento feminista em Palmas – TO a partir de grupo específico. Tal objetivo pode ser dividido nos específicos, que se baseiam em: conhecer as variáveis (históricas e atuais) que favorecem o engajamento das mulheres no movimento feminista; descrever os estímulos aversivos e apetitivos que o contracontrole produz nas mulheres do movimento feminista e discutir os efeitos do comportamento de contracontrole nas esferas pessoal e social das mulheres do movimento feminista.

A relevância social da pesquisa pode ser percebida a partir da expressividade do índice de violência cometida contra a mulher. De acordo com Velasco, Caesar e Reis (2018, s/p), os números da violência são alarmantes, a saber:

Doze mulheres são assassinadas todos os dias, em média, no Brasil. É o que mostra um levantamento feito pelo G1 considerando os dados oficiais dos Estados relativos a 2017. São 4.473 homicídios dolosos em 2017, sendo 946 feminicídios, ou seja, casos de mulheres mortas em crimes de ódio motivados pela condição de gênero. Portanto, houve aumento de 6,5% em relação a 2016.

Diante dessa circunstância, percebe-se como o número referente à violência cometida à mulher é alto, o que pode ser compreendido em virtude da ótica de patriarcado. Assim, as relações de gênero precisam ser entendidas e modificadas, de modo a culminar em maior equidade de reforçadores sociais para ambos os gêneros.

Já a relevância acadêmica consiste na possibilidade de se discutir, na academia, o feminismo; tal fato, conseqüentemente, traz maior renome à causa. Com isso, também, torna-se provável que haja mais pesquisas científicas a respeito da temática, o que pode promover a diminuição de desigualdades.

Por fim, a relevância pessoal se baseia na possibilidade da obtenção de maior aprendizado no tocante à temática em pauta, além do fortalecimento da

crença individual na capacidade que o sujeito possui de conhecimento de suas condições históricas e sociais e, portanto, de modificação de seu contexto atual.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 História do movimento feminista

Antes de se chegar ao conceito de feminismo, é necessário antes informar que sua definição se altera conforme a necessidade do indivíduo que o apresenta, já que, como será explanado posteriormente, o movimento feminista advém de ondas e, dentro das mesmas, existem vertentes próprias. Isso posto, a percepção que Oliveira e Cassab (2014) trazem vão exitosamente ao encontro do que se pretende desenvolver. Segundo as mesmas, o feminismo consiste em:

(...) um movimento moderno, que surge a partir do contexto das ideias iluministas (1680-1780), com a Revolução Francesa (1789-1799) e Americana (1775-1781), reivindicando direitos sociais e políticos, com maior ênfase para a luta sufragista, através da mobilização de mulheres de vários países (p. 1).

Dessa maneira, a diretriz que será trazida como foco nesse estudo se refere aos direitos sociais e políticos, uma vez que consegue abarcar bem toda a série de resistências, lutas e conquistas que permeiam a classe feminista. Alves e Pitanguy (1985) conseguem ainda complementar o conceito exposto quando dizem que “na busca da superação das relações hierárquicas entre homens e mulheres, [o feminismo] alinha-se a todos os movimentos que lutam contra a discriminação em suas diferentes formas” (p. 74).

Assim, o feminismo resiste aos processos desiguais ainda vigentes na sociedade. É um movimento social e, por estar nessa condição, apresenta algumas características. No que tange à existência e dinâmica de movimentos sociais, Miranda (2015) afirma que:

Presentes nas mais diversas sociedades e tempos, os movimentos sociais criam espaços onde atores coletivos, portadores de diversidades múltiplas, reúnem-se para contestar, discutir, e tornar visível algum tipo de problema compartilhado. Esses espaços sociais oferecem aos sujeitos individuais locais de solidariedade e de visibilidade, possibilitando a difusão de reivindicações passíveis de serem incorporadas pela coletividade específica à qual sentem pertencer (p. 7).

Por essa razão, pode-se entender mais dos porquês as movimentações societárias subsistem ou mesmo se iniciam. O indivíduo vê que há mais pessoas vivenciando a mesma problemática, com características similares as suas. Essa percepção possibilita o ajuntamento; ajuntamento esse que oportuniza, por meio do processo de identificação, a união de forças

direcionadas para a culminação de mudança de ordem social – capazes de perpassar o grupo em questão.

Nessa perspectiva, podem-se observar atributos referentes à definição que se tem a respeito do feminismo, uma vez que é possível compreendê-lo de maneira a obter análise dos relacionamentos humanos pela perspectiva de gênero, além da perspectiva de instrumentalizar o movimento para a modificação da estruturação dessas relações (COUTO; DITTRICH, 2017).

Ainda sob o ponto de vista de gênero, Auad (2002; 2003) aponta para a existência de duas correntes, a saber: a diferencialista e a igualitarista. Na primeira, a característica marcante é enxergar o masculino e o feminino como mero resultado de construção social podendo ser considerado, assim, como forma de opressão. Já a segunda vertente aponta para a presença de uma essência feminina e masculina, diametralmente opostas. Vale ressaltar que a corrente igualitarista recebeu influência direta de Simone de Beauvoir, que será citada, de forma mais detalhada, à frente.

O movimento feminista, como já definido sinteticamente, é constituído por 3 (três) ondas, cada qual imbuída de perspectiva e necessidade singulares. De acordo com Pinto (2010), a primeira onda se deu em meados do século XIX. Ao se referir ao nível mundial, entende-se que as mulheres se organizaram a fim de lutar pela garantia de direitos, sendo que o primeiro deles era o de voto, tanto que foram nomeadas como sufragistas. Elas

promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918 (ibid., s/p).

Com isso, apreende-se que o movimento iniciado em Londres e que se estendeu posteriormente ao Brasil (como se verá logo adiante) foi marcado por intensa resistência. Essa ação foi difundida no filme *As Sufragistas*, escrito por Sarah Gravon, em 2015. Nele se retratou, de forma primorosa, o embate vivido por mulheres pertencentes ao movimento sufragista (BARBOSA, 2015).

No que se refere ao contexto brasileiro, que também foi caracterizado principalmente pela luta pelo direito ao voto, a primeira onda teve como principal precursora a ativista feminista, bióloga e política Bertha Lutz. Lutz, em 1919, fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (antiga Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher), a dita organização pleiteou de forma

assertiva pelo sufrágio – extensão do direito ao voto aos gêneros existentes. Sua forma de luta consistia no *lobbying*, que era a prática de pressionar os membros do Congresso, além de publicizar as ações do grupo na grande imprensa para que fossem vistas e dessa forma ganhassem mais adeptos (ALVES E ALVES, 2013).

No ano de 1927, o governador do Espírito Santo Juvenal Lamartine incluiu em sua Lei Orgânica artigo excepcional que permitia a atividade de voto das mulheres. Tal evento intensificou o movimento das mulheres em prol da conquista do direito ao voto. Os estados, gradualmente, foram concedendo a efetivação desse direito. De modo que quando o presidente Getúlio Vargas, em 1932, promulgou a autorização do sufrágio, 10 (dez) estados já dispunham da garantia. Nesse momento, o feminismo, de modo geral, mantinha o caráter conservador e questões como opressão e liberação sexual ainda não eram levantadas (ibid.,).

A segunda onda teve como principal e mais emblemática figura a escritora Simone de Beauvoir, já citada anteriormente. Simone hoje é considerada um ícone do pensamento feminista e existencialista. Em seu livro mais famoso, *O Segundo Sexo*, há a nítida crítica ao patriarcado e aos males por ele provocados ao estilo de vida feminino (dizem-se, as desigualdades de gênero). O seguinte trecho revela a significância da obra, publicada pela primeira vez em 1940. Para a autora:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1970, p. 8).

Diante dessa afirmação entende-se que ser mulher consiste numa construção criada pela sociedade, na qual a mesma definiu o que é próprio do âmbito masculino e o que corresponde à esfera feminina; assim, a determinação não se dá pelo sexo biológico.

Em decorrência dessa construção, Beauvoir (1970) destaca que a passividade que é essencialmente atribuída à mulher existe em virtude da imposição social; não há nada, biologicamente falando, que destine a mulher a esse fim; já o homem é criado para ser ativo, se movimentar em direção ao mundo.

Assim, ser feminina é “mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil” (ibid., p. 73). Essas características se revelam em todas as extensões que são ocupadas pela mulher: a descoberta da sexualidade, o lugar ocupado no casamento, a vida doméstica, a maternidade.

No que concerne à primeira experiência sexual, a jovem tem necessidade do homem para conhecer o próprio corpo – por esse motivo, é concedido a ela um nível de dependência muito maior.

Tal experiência se agrava assaz em virtude de o corpo ser tudo o que a mulher tem de intrinsecamente seu. Como diz Beauvoir (1970): “(...) é seu tesouro mais precioso: toma-lho o homem que nele penetra; a expressão popular é confirmada pela experiência vivida” (p. 123).

Sobre o lugar dado a ela no casamento, é sabido que o sentido de sua existência é ditado pelo marido, afinal, “desde que pense, que sonhe, que deseje, que respire sem palavra de ordem, está traindo o ideal masculino” (ibid., p. 235). Dessa forma, o matrimônio não só diminui-a (como é com o homem), mas aniquila-a para sempre.

No que se refere à vida doméstica, sua relação com o lar se dá da seguinte forma: “ela possui tornando-se uma presa, liberta-se abdicando; renunciando ao mundo ela quer conquistar um mundo” (ibid., p. 196). Desse modo, tudo o que a mulher possui e conseqüentemente sua principal forma de se representar no mundo consiste no cuidado com a casa.

E sobre a experiência materna, a autora inicia o capítulo com a seguinte frase: “É pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação ‘natural’, porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie” (ibid., p. 248). Assim sendo, a mulher, na infância, não só é ensinada que deve ser mãe (ao ganhar e ser ensinada a cuidar de bonecas), como também, na vida adulta, aprende que, com a maternidade, terá sua existência justificada por outra – tal realidade traz um misto de sensação de satisfação e violação.

E, por fim, a terceira onda, na qual além de considerar os pressupostos trazidos por autoras feministas que vieram antes, busca também ampliar as mulheres que serão representadas (aqui, as negras e as que não se enquadram nos padrões heteronormativos também passam a ter voz e se

sentem representadas). Uma importante figura nesse momento foi a da escritora e ativista negra americana Rebeca Walker, que cunhou pela primeira vez, em 1992, o termo terceira onda, num artigo publicado na revista Ms. e intitulado de *Becoming the Third Wave* (Tornando-se a Terceira Onda, tradução nossa). Na época, esse escrito foi estimulado pela descrença social na palavra de Anita Hill, uma advogada que acusou o juiz da Suprema Corte – seu supervisor –, Clarence Thomas, de assediá-la sexualmente. Walker (1992), nos trechos que se seguem, afirma que:

(...) estou em um trem para Nova York. Belas mãe e filha, ambas vestindo roupas verdes, sentam-se do outro lado do corredor. A menina tem tranças bem trançadas. Sua pele morena é brilhante e suave, seus olhos brilham enquanto ela vibra alegremente enquanto olha pela janela. Dois homens entram no trem e se sentam diretamente atrás de mim, sacudindo meu assento enquanto se encaixam no lugar. Eu me enterro em *The Sound* e no *Fu7y*. Em voz alta, eles começam a falar sobre mulheres. "Cara, eu transei com aquela puta a noite toda e então nunca mais liguei para ela"; "Cara, tem muitas garotas por lá, você sabe que ho, mora lá por *Tyron*"; Bem, eu peguei essa merda". A mãe se aproxima de sua filha agora tranquila. Olhando para suas costas pequenas, posso ver que ela está ouvindo os homens. Estou pensando em como posso transformar a situação, de todas as pessoas no trem, em que o silêncio nos faz cúmplices.

(...) Estou pronta para decidir, como minha mãe decidiu antes de mim, dedicar grande parte da minha energia à história, à saúde e à cura das mulheres. Cada uma das minhas escolhas terá que manter meu padrão feminista de justiça. Ser feminista é integrar uma ideologia de igualdade e empoderamento feminino à própria fibra da minha vida. É buscar clareza pessoal no meio da destruição sistêmica, unir-se à irmandade com as mulheres quando frequentemente estamos divididas, para entender as estruturas de poder com a intenção de desafiá-las. Embora isso possa parecer simples, é exatamente o tipo de postura que muitos de meus colegas não estão dispostos a aceitar. Então, escrevo isso como um apelo a todas as mulheres, especialmente às mulheres da minha geração: que a confirmação de Thomas sirva para lembrá-las, como aconteceu comigo, de que a luta está longe de terminar. Que essa rejeição da experiência de uma mulher a leve à raiva. Transforme esse ultraje em poder político. Não vote neles a menos que trabalhem para nós. Não faça sexo com eles, não sente à mesa com eles, não os nutra se eles não priorizarem nossa liberdade de controlar nossos corpos e nossas vidas.

Eu não sou uma feminista do pós-feminismo. Eu sou a Terceira Onda (p. 2) (tradução nossa).

Desta forma, na contemporaneidade, mantém-se a crítica à perpetuação da diferenciação de papéis e a busca continua a consistir na reivindicação pela igualdade – tanto na esfera doméstica quanto na social. A explicação para a existência dessa realidade passível de desejosa mudança consiste nas

encobertas relações de poder, somado à explicação de cunho social para a diferença de papéis (ALVES; PITANGUY, 1985).

Valeska Zanello, psicóloga e filósofa, traz como principais vertentes temáticas a relação entre saúde mental e gênero. A partir de sua perspectiva, compreende-se que

O dispositivo materno pode ser a chancela do sucesso no dispositivo amoroso: além de escolhida por um homem, tornar-se mãe de seus filhos. Trata-se, aqui, de um modo de empoderamento colonizado, em um sentimento cuja configuração foi construída nos últimos três ou quatro séculos (ZANELLO; ROMERO, 2012 *apud* ZANELLO, 2016).

Tal fala remete à pressão social em torno do relacionamento amoroso e da maternidade, que, de forma implícita, apontam para a confirmação da existência feminina mediante os respectivos papéis de ser escolhida pelo homem e pelo de procriação. A autora afirma que essa é uma forma de empoderamento colonizado, por se referir às obrigações que vêm junto à atribuição das funções citadas.

Já os homens existem a partir dos dispositivos da potência sexual e produtividade laboral. Desta forma, a masculinidade é confirmada, só se é considerado homem pelo meio social mediante as características de ganhão e de provedor (*ibid.*).

A Análise do Comportamento também traz relevantes contribuições sobre a temática feminista que até aqui se explanou. Assim, diante do exposto, segue-se maior explicação sobre a história do chamado Behaviorismo Radical e da Análise do Comportamento, bem como os conceitos de extrema relevância para o fim que se pretende alcançar, como os de liberdade e contracontrole.

2.2 Behaviorismo Radical: liberdade e contracontrole

De acordo com Costa, Luzia e Sant'anna (2003), Watson, considerado o precursor do Behaviorismo Metodológico, publicou em 1913 o artigo *Psychology as The Behaviorist Views It* em que, pela primeira vez, utilizou o termo Behaviorismo. Influenciado pela Psicologia Objetiva, o mesmo expôs o descontentamento presente nos psicólogos daquele momento com os métodos que vinham sido utilizados, principalmente o de introspecção (BAUM, 2006).

Sob o ponto de vista de Watson (1913), o método utilizado na Psicologia era esotérico. Visto que, se, por exemplo, outro pesquisador tentasse reaplicar

os achados do autor e não conseguisse obter êxito no intento, a razão disso não estava no instrumento utilizado e nem na disposição do estímulo, mas nos aspectos introspectivos, que precisavam estar mais treinados. Se, diferente disso, o indivíduo conseguisse identificar facilmente sentimentos, também havia algo de errado, pois isso indicava que o indivíduo estava vendo de maneira exagerada. E, afinal, sentimentos são complexos.

Assim, a divulgação desse artigo foi amplamente difundida e alvo de inúmeras críticas, em decorrência das ideias do comportamento “como objeto de estudo, mas ainda admitia a existência de fatos mentais, apesar de excluí-los de consideração” (MALAGODI, 1986, *apud* COSTA; LUZIA; SANT’ANNA, 2003, p. 30). Noutras palavras, a forte crítica ao método da introspecção (percebido como não-científico) foi atrelada à admissão de aspectos subjetivos, sem, no entanto, haver a possibilidade de acessá-los.

Portanto, na época referida, a palavra Behaviorismo e as ideias manifestas por Watson foram amplamente propagadas, ganhando diversos opositores e adeptos, por serem de cunho inovador. Esse pode ser o porquê de muitas vezes o termo não ter sido usado com fidelidade àquilo que o autor inicialmente trazia (*ibid.*).

Logo após, surge “Burrhus Frederick Skinner (1904 – 1990) [que] pode ser considerado o pai da Ciência do Comportamento como ela é entendida nos dias atuais” (CASTRO; ROSE, 2008, p. 15). Assim, houve um esforço, de sua parte, para tornar a Psicologia o mais científica possível, por meio do emprego de elementos advindos da ciência física e possíveis de serem utilizados no estudo de questões humanas.

No ano de 1938, Skinner, em seu primeiro livro, *O Comportamento dos Organismos*, abordou conceitos e princípios fundamentais de sua (ainda incipiente) teoria. Nesse sentido, o autor traz o reflexo – compreendido como relação entre dois eventos passíveis de observação –, comportamento operante – diferencia reflexo que é eliciado de comportamento que é emitido –, dentre outros. A obra, ainda que inicial, teve como marco a abrangência de aspectos comportamentais, e, por isso, foi pouco compreendida pelos críticos daquele contexto histórico (TODOROV; MOREIRA, 2008).

Ademais, Skinner trouxe, em 1945, o termo Behaviorismo Radical no artigo *The Operacional Analysis of Psychological Terms*. O mesmo foi

desenvolvido a fim de ser apresentado no “simpósio sobre Operacionismo organizado pelo professor E. G. Boring e realizado no mesmo ano” (MALAGODI, 1986; SCHNEIDER; MORRIS, 1987; TOURINHO, 1987; CARRARA, 1998 *apud* COSTA; LUZIA; SANT’ANNA, p. 29).

Ainda sobre esse momento histórico, é importante citar que “Skinner não elabora uma psicologia que explique o que é a entidade chamada mente; ele analisa o comportamento de quem utiliza termos mentalistas” (ibid., p. 31). Desse modo, o foco do proposto por Skinner não se baseou na utilização da mente para fins de explicações comportamentais, mas sim na análise do comportamento de quem usa a mente para explicar comportamentos.

Ou seja, o mencionado autor, diferentemente de seu precursor, considera eventos privados e tem, como principal norteador na sua análise, a determinação do comportamento (chama-se: determinismo), existente a partir da interação entre organismo (hereditariedade) e ambiente, haja vista que o ambiente determina as respostas comportamentais emitidas pelo indivíduo (BAUM, 2006).

A respeito do termo utilizado pelo autor, radical, é importante citar que em relação à escolha da palavra radical, tem-se como entendimento o seguinte:

(...) por quais razões Skinner optou por adjetivar behaviorismo como radical? Por que não utilizou algum outro adjetivo? Dessa forma, compreende-se que provavelmente ‘Skinner estivesse sob controle do uso da palavra radical enquanto raiz/origem e, assim, empregado-a para distinguir sua posição da posição defendida pelo behaviorismo metodológico’ (op. cit., p. 29).

Antes de se adentrar na perspectiva da liberdade, é primordial compreender um pouco mais a respeito da relevância que o ambiente possui para a Análise do Comportamento, visto que ele é capaz de determinar comportamentos. Os comportamentos voltam a ser emitidos ou não mediante as consequências que os seguem. Ou seja, quando o indivíduo se comporta, ele está necessariamente em processo de interação com seu meio. Para Skinner (1978, p. 15): “os homens agem sobre o mundo, modificam-no, e, por sua vez, são modificados pelas consequências de sua ação”.

Diante do exposto, de acordo com Melo (2008), pode se assimilar que, a partir da ótica da seleção pelas consequências e por se considerar o comportamento como resultado da influência de outros eventos, a interação

entre organismo-ambiente passa a ser entendida em virtude dos 3 (três) níveis de seleção, que são: “a filogênese (história evolutiva da espécie – nível I), a ontogênese (história do indivíduo – nível II) e a cultura (nível III)” (p. 1, 2). Abaixo, ainda conforme o autor em questão, os três níveis serão mais bem explicados.

Na filogênese, o foco consiste na observação da seleção natural das espécies. Assim, o processo de evolução é consequência da seleção natural. Então, as variações sofridas que forem de alguma forma benéficas para a espécie em questão permanecem, de modo que as que forem malélicas são extintas.

Na ontogênese, o foco consiste na observância da história de aprendizagem do indivíduo, aprendido esse que pode se dá por meio de comportamento respondente ou operante. Por intermédio desse processo, o contexto ambiental pode proporcionar uma série de alterações comportamentais, além da aprendizagem de novas respostas, à medida que as mesmas se fizerem necessárias.

Já na cultura, o foco consiste no reforço liberado pelos integrantes para a manutenção da cultura existente. Sendo assim, as práticas culturais que facilitam o alcance de êxito pelo grupo no que tange à resolução de problemas tendem a ser mantidas e a cultura pode, dessa forma, persistir.

Dittrich (2004), ao abordar os valores que mantêm as práticas culturais – e, dessa forma, perpetuam sua sobrevivência – postula que o surgimento do terceiro nível pode ser justificado pela confluência das seguintes questões: “a ampla variabilidade ao condicionamento operante, o controle da musculatura vocal e a consequente possibilidade de exercer controle relativamente preciso sobre o comportamento dos membros da cultura” (p. 190).

Conforme Andery (2011), cultura pode ser percebida como organização abstrata, com tempo de duração indefinido e que está associada a comportamentos que se repetem em indivíduos e em suas gerações. Segundo Caldas (2013), a compreensão de cultura não existe isolada do entendimento de como funciona o comportamento e vice-versa. Afinal, componentes do meio social influenciam diretamente as atitudes individuais. Ademais, o amplo repertório comportamental apresentado pelo ser humano só existe mediante interação com outros indivíduos, sendo tudo isso proveniente da cultura.

Dessa forma, a seleção natural pode ser vista mediante perspectiva de continuidade do que foi vivido nas gerações passadas, a partir de esquemas de reforçamento que apontam para a sobrevivência. E é nessa conjuntura que o movimento social pode ser enxergado, visto que ele é uma forma de organização societária enquadrada nas práticas da cultura vigente e pode ou não subsistir (DITTRICH, 2004).

Sob a perspectiva de cultura, é cabido apontar para a existência das agências de controle. Assim, Skinner (1953) afirma que importantes agências controladoras são “órgãos ou instituições organizados, tais como governos, religiões e sistemas econômicos e, em grau menor, educadores e psicoterapeutas” (p. 164).

O governo, como agência controladora, considera ilegal tudo aquilo que tem cunho aversivo para a mesmo. O foco consiste nos “erros” que são cometidos, ou seja, a punição é a técnica mais utilizada. Desta forma, mediante tal uso do poder punitivo, o comportamento legal pode aumentar de frequência apenas pela retirada da possibilidade de punição. Em alguns momentos isso é feito, embora o mais habitual seja a punição das maneiras ilegais de se comportar. Além disso, o controle por parte do governo vem de forma a se intensificar nos discursos do dia a dia. Assim, o indivíduo é preparado para situações futuras que não estão previstas e para as quais não apresenta respostas comportamentais. À vista disso, quando novas ocasiões acontecem, o controlado apenas obedece ao que mandam (ibid.,).

Na religião existe uma ampliação da técnica principal do governo. O comportamento é interpretado não apenas do ponto de vista legal, mas sim do moral e virtuoso e, a partir disso, é seguido por reforço ou punição. Essa agência traz repertório comportamental de obediência para ocasiões futuras, podendo determinar autocontrole tão eficaz que se tem o comportamento controlado mesmo na falta do líder religioso. Este contexto existe como um dos resultados do enfoque dado à punição (ibid.,).

Na economia existe apresentação do reforço positivo, o que controla o comportamento. Assim, o dinheiro e o crédito podem ser trocados para obtenção de bens. O poder econômico é usado em benefício daqueles que o possuem, podendo também ser usado para caridade – o que o grupo geralmente considera positivo (ibid.,).

Na educação existe o aprendizado de uma série de comportamentos que serão benéficos para o indivíduo em contextos futuros. Desta forma, os reforços são proporcionados pela instituição de ensino com objetivo de condicionamento. O reforçador é artificial, como sugerido por meio de palavras como exercício, por exemplo. O foco é dado à aquisição de novos comportamentos, e não à manutenção (ibid.,).

A psicoterapia é uma forma de controle muito presente na vida das pessoas. Assim, comportamentos considerados inconvenientes podem ser tratados por meio do uso da principal técnica, a saber: reversão de alterações do comportamento ocasionadas por punição (aqui, muitas vezes administrada pela religião) (ibid.,).

Sob a perspectiva adotada, o patriarcado também pode ser considerado uma agência de controle, além de muitas vezes ter as agências citadas funcionando como reforçadoras do mesmo. Por exemplo, os líderes das agências citadas acima costumam ser, em maioria, homens (prefeito, padre, economista etc.). De acordo com Saffioti (2004, *apud* Freitas e Moraes, 2019, p. 112), “o patriarcado consiste em uma forma de organização e de dominação social fundamentada na exploração dos homens sobre as mulheres”. A partir desse ponto de vista, pode-se perceber a dominância masculina atingir todos os setores da sociedade, o que em parte pode ser explicado pela forma que o meio social se desenvolveu, ou seja, mediante gênero.

Deste modo, ao se levar em consideração as relações estabelecidas pelas agências de controle pode-se concluir que é dado aos homens maior chance de manipulação de dadas classes de variáveis além de poder agir com mais eficácia sobre o ambiente (ibid.,).

Assim, pode-se caminhar em direção ao consenso do que se tem sobre liberdade, intimamente relacionada ao contracontrole. Primeiro é importante deixar claro que, diferentemente do que se tem claro no senso comum, liberdade não se baseia numa imensidão de sentimentos, nem tampouco na ausência de controle.

Destarte, para Skinner (1983), liberdade pode ser captada do seguinte modo:

(...) o desejar não é um sentimento, como não é sentimento a razão que leva a pessoa agir para obter o que quer. Na verdade, certas contingências aumentaram a probabilidade de determinado

comportamento ocorrer e criaram condições que podem ser sentidas. A liberdade é uma questão de contingências de reforçamento, e não de sentimentos que as contingências geraram (p. 33).

Isso posto, é perceptível que liberdade não tem a ver com a presença de sentimentos, em contraponto ao que a literatura da liberdade usualmente traz. Assim, o referido autor assevera que a liberdade está intrinsecamente associada ao estabelecimento de adequadas contingências reforçadoras.

Skinner (1983) aponta para a presença do seguinte embate: apesar de o comportamento ser determinado é mais pertinente que as pessoas sintam que são livres. Se tal fato aponta para a ausência de controle que produza consequências aversivas, é ainda melhor.

No entanto, se o apontamento se dá para situações que não causem nenhum tipo de revolta, a sentença não pode estar correta, visto que as consequências aversivas retardadas que porventura possam surgir são desprezadas. Ademais, a falha da literatura da liberdade reside na circunstância de que a literatura conscientizou as pessoas a respeito da forma de controle aversiva, mas não deu a elas métodos para agir após essa tomada de consciência (ibid.,).

Assim, considerando a ruptura do paradigma de que todo controle é ruim, o próximo passo “não será o de libertar os homens do controle, mas sim, analisar e modificar os diversos tipos de controle a que se encontram submetidos” (ibid., p. 36).

Sobre o supramencionado controle, Skinner (1953) aborda que todo grupo social traz controle, em alguma medida, sobre os seus membros e isso se dá por meio do emprego de reforçamento e punição. De forma geral, o grupo não é bem articulado e constante. Assim sendo, depreende-se que agências controladoras exercem poder sobre partes específicas das variáveis que movimentam o aspecto grupal. Tais agências costumam ser mais organizadas que o próprio grupo e, por isso, são muito efetivas.

Por vezes esse controle é realizado de maneira a reforçar os controladores, e isso se manifesta em formas aversivas para os que são controlados. É nesse cenário que surge o chamado contracontrole, que é verificado nas esferas individual e social. Do ponto de vista individual, é possível se remeter ao que Skinner (1971) traz, quando afirma: “quase todos os seres vivos agem buscando livrar-se de contatos prejudiciais” (p. 25). Desse

modo, o indivíduo, ao se deparar, em sua história de vida, com estímulos de alguma forma percebidos como aversivos tendem a buscar meios de amenizar a situação vivenciada.

Para Sidman (1995, p. 224):

A longo prazo, o controle coercitivo continua a funcionar somente se o controlador tiver uma população cativa. Mas, mesmo se os punidos forem confinados ou restringidos fisicamente e não puderem escapar, a coerção inevitavelmente produz um de seus mais proeminentes efeitos colaterais: contracontrole. Se as pessoas não podem fugir ou esquivar-se, elas descobrirão uma outra maneira de acabar com punições ou ameaças de punição; elas aprenderão como controlar seus controladores.

O mencionado autor ainda afirma que negar que exista o controle em nada livra os controlados, pelo contrário, somente evidencia a permanência do controle. Nesse sentido, aceitar a presença do controle é a primeira atitude a se tomar para o alcance de um exitoso contracontrole (ibid.,). Há diversas formas de se chegar a esse objetivo. A pessoa controlada, para Skinner (op. cit., p. 27):

Pode, por exemplo, simplesmente escapar do seu alcance [do controlador]. Existe a possibilidade de se fugir da escravidão, emigrar ou escapar de um governo, desertar de um exército, tornar-se um apóstata de uma religião, “matar” aulas, abandonar o lar ou renunciar a uma cultura, transformando-se em vagabundo, ermitão ou hippie. Tal comportamento é produto de condições aversivas tanto quanto o comportamento que tais condições se destinavam a produzir. Este apenas poderá ser mantido pelo fortalecimento das contingências ou pelo emprego de estímulos aversivos mais poderosos (SKINNER, op. cit., p. 27).

Diante do exposto, observa-se que o controlado, quando está sob condição percebida como aversiva, não precisa continuar na posição em que se encontra, e tem a possibilidade de mudar seu ambiente a partir da manifestação do contracontrole. Tipo de comportamento esse que se manifesta de diversas formas, visando caminhos como enfraquecer, atacar ou fugir dos órgãos que exercem função de controle.

Em suma, todo indivíduo é controlado. Aqui, é importante destacar que Skinner, em seu livro *O Mito da Liberdade*, de 1971, traz um ponto de extrema relevância para a presente discussão. Segundo o autor, a literatura da liberdade direciona a compreensão equivocada de controle, o que leva os homens a enxergar a liberdade como algo bom e o controle como algo ruim, e que por isso deve ser toda forma evitado – o que acontece por meio de fuga ou ataque.

No entanto, de acordo com Moreira (2016), esse controle acontece da seguinte forma: o ambiente controla determinado conjunto de variáveis, o que leva ao controle dos indivíduos por meio das consequências dos comportamentos por eles emitidos. Assim, os organismos são controlados pelas consequências de seus próprios comportamentos.

Todavia, alguns tipos de controle podem suscitar aversão extrema por parte de quem os sofre. Em tais circunstâncias, não se é mais um escravo feliz (essa alusão foi utilizada por Skinner, explanando a respeito da satisfação sentida, em curto prazo, por quem está em situação de exploração).

Assim, já diante dessa conjuntura, é possível se direcionar ao contracontrole social. O grupo controlado pode utilizar como instrumento de ação a ameaça de remoção do reforço que mantém o comportamento de dominação do controlador ou mesmo atacar as referidas instituições (BAUM, op.cit.). Essa se constitui como a principal e mais poderosa característica do contracontrole, que pode ser usada como posterior ferramenta, por meio da emissão de comportamentos adequados, ou seja, que esteja condizente com o fim que se intenciona alcançar.

Conforme Medeiros (2014, p. 45), “contracontrole é um dos subprodutos do controle aversivo do comportamento. Trata-se de um comportamento operante emitido por alguém que está sendo aversivamente controlado”. Noutras palavras, consiste no processo de compreensão do controlado sobre as variáveis que o controlam, e, a partir disso, tem-se a emissão dos comportamentos operantes (seguidos de consequências) para amenizar a dada circunstância vivenciada.

Em consonância com Weber (1989): quem não tem um conhecimento expressivo sobre a teoria de Skinner acredita que o mesmo tenta trazer controle sobre o ambiente e as pessoas. Todavia, o mesmo “nessa sua caminhada mostra a necessidade não de ‘controlar’, mas de saber sobre os controles existentes, ter consciência acerca dos inúmeros tipos de poder em nossa sociedade e, sobretudo, ter capacidade de exercer o contracontrole” (p. 6).

Mediante essa forma de pensar, a ideia de contracontrole pode parecer assustadora para uma parte dos indivíduos, visto que essa tomada de

consciência implica maior responsabilidade sobre seu ambiente, somado ao fato de que o exercício do contracontrole passa a se fazer necessário (ibid.,).

Bissoli e Micheletto (2014) corroboram com tal fala, quando afirmam que:

O conhecimento científico das variáveis que determinam o comportamento traz possibilidades do indivíduo controlar sua própria história, pois, a partir dele, pode controlar o ambiente que determina o comportamento, especialmente dos próprios seres humanos que são a parte mais importante desse ambiente (p. 236).

Em suma, é somente quando se consegue visualizar as variáveis que controlam a existência humana (deixando explicações internalistas) é que passa a existir a possibilidade de contracontrolar o ambiente em questão, e produzir as mudanças contextuais que se almeja.

O contracontrole, quando relacionado ao movimento feminista, é conduzido à seguinte premissa: entende-se que, apesar de a mulher ser construída em sua relação com o social, a mesma não precisa estar subjugada ao mesmo. Dessa forma, quando a mulher identifica controles opressores, pode exercer o contracontrole, sendo eficaz, portanto, para o processo de maior equilíbrio de reforçadores sociais para homens e mulheres (SILVA; LAURENTI, 2016).

Logo, o citado contracontrole pode ser associado ao feminismo, porquanto esse movimento surgiu numa conjuntura de desigualdades e infere-se que as mesmas tenham sido consideradas aversivas pelo segmento feminino. Diante disso, hoje, o contracontrole se manifesta por meio de diversas facetas e sempre com o objetivo final da garantia de conquistas pessoais e sociais.

Portanto, em consonância com Ruiz (1998), há importantes semelhanças no que tange à associação entre Behaviorismo Radical e Feminismo. Segundo a teórica, quem se reconhece como behaviorista radical e feminista assegura a relevância que a consideração do contexto ambiental tem para a compreensão dos comportamentos humanos. Assim, necessariamente, há contextualização. Ambos admitem a relação direta com o processo de conhecimento, noutras palavras, os pontos de vista levantados pelo cientista no que se relaciona ao objeto são importantes. E, por fim, os dois entendem “a

natureza social do conhecimento científico” (p. 3), ou seja, a ciência é intimamente associada às atividades dos cientistas.

3. METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

O presente estudo objetivou descrever o contracontrole exercido por mulheres feministas em Palmas-TO, a partir do grupo feminista Terças Feministas, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Para alcançar esse fim, a pesquisa se desenvolveu pelo seguinte método:

A abordagem utilizada consistiu na pesquisa qualitativa, pois foram realizadas entrevistas com mulheres do grupo feminista Terças Feministas. Gerhardt e Silveira (2009, p. 32) afirmam que: “os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito”. Tal pesquisa também enfatizou segmentos da realidade que não podem ser colocados em números, centralizando-se assim no entendimento e explanação das configurações presentes nas interações da sociedade.

O local de realização metodológico se baseou na pesquisa de campo, pois haverá observação e investigação de um lugar específico, o grupo feminista Terças Feministas. Para Fonseca (2002, *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 37), “a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas”. Dessa forma, teve-se a parte teórica somada à obtenção de dados, que se deu por meio de entrevista.

O objetivo metodológico foi o de pesquisa exploratória e também descritiva. Exploratória porque tenciona o desdobramento da temática já citada, investigando um viés ainda não estudado no cenário de Palmas – TO pela perspectiva do contracontrole. De acordo com Gil (2008), as pesquisas de cunho exploratório têm como finalidade o desenvolvimento e clareza de ideias, considerando a possibilidade de pesquisas ulteriores. São realizadas quando buscam trazer um olhar geral sobre dado acontecimento. Ademais ocorrem quando “o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (p. 27).

Já as pesquisas descritivas intencionam a descrição dos atributos de determinada população, fenômeno ou de relação de variáveis (GIL, 2008). Nesse caso, o ambiente descrito não se resumiu meramente ao

comportamento de contracontrole visto de forma isolada, mas o olhar se referiu também aos aspectos histórico-sociais presentes na conjuntura, de modo que descreveu as variáveis envolvidas nesse cenário.

Além dessas, foi utilizada como fundamentação teórica para compreensão da realidade pesquisada principalmente este componente: Análise Funcional, conforme tópico 3.5.2.

3.2 OBJETO DE ESTUDO OU POPULAÇÃO E AMOSTRA

O público estudado foi constituído por mulheres do grupo feminista Terças Feministas em Palmas-TO. Quanto ao universo total de membros do grupo, não foi possível quantificar com precisão, pois se trata de um grupo aberto. No entanto, foram convidadas quatro (4) participantes, sendo tal amostra por conveniência, já que devido ao referencial teórico utilizado, a perspectiva do sujeito único traz que cada história só pode ser comparada com ela mesma (MOREIRA; MEDEIROS, 2007), não requerendo a investigação de um número maior de participantes para obter resultados válidos dentro da abordagem Análise do Comportamento.

Assim, foram consideradas participantes aquelas que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Anexo A), após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA). Isso conforme os princípios éticos da resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466/12. Tal resolução visa proteger, de forma devida, os indivíduos que se propõem a participar das pesquisas de cunho científico que envolvem seres humanos.

A pesquisa ocorreu na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Foram entrevistadas as mulheres que se encaixaram nos critérios de inclusão. O TCLE foi lido em conjunto com cada participante para esclarecimento de eventuais dúvidas quanto ao seu conteúdo.

3.3 LOCAL

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Tocantins (UFT), localizada no seguinte endereço: Quadra 109 Norte, Avenida NS 15, ALCNO-14 - Plano Diretor Norte, Palmas – TO. As reuniões quinzenais geralmente acontecem na sala 18 do Bloco I.

3.4 MATERIAIS E INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados foram: um instrumento para coleta de dados gerais de cada participante (Apêndice A); já o segundo, que se encontra no Apêndice B, trouxe um roteiro de entrevista semiestruturada, na qual se relacionou a teoria em pauta com as questões feministas. Ambos os instrumentos são de elaboração própria.

3.5 PROCEDIMENTOS

3.5.1 Aplicação da entrevista

Houve aplicação da entrevista com as participantes voluntárias, com duração de cerca de 50 (cinquenta) minutos, que foi gravada em áudio. Posteriormente, por meio da transcrição, foi possível compreender acerca dos conteúdos que mais emergem. A transcrição se caracterizou pela cópia, de forma integral, das falas abordadas na entrevista. De acordo com Manzini (2009), na transcrição o foco do pesquisador não está mais no estabelecimento de interação social, mas sim interpretar os dados coletados, bem como confirmar ou infirmar as hipóteses e deduções levantadas.

Para coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE A), construída de acordo com a perspectiva teórica em questão. Ela é composta por um cabeçalho inicial de coleta de dados gerais sobre cada participante, que foi preenchido por elas. A segunda parte tratou de um roteiro de entrevista, que foi aplicado de forma individual. A entrevista pode ser definida como uma técnica amplamente utilizada por cientistas sociais em que se busca informações que são pertinentes ao investigador. Esse processo acontece por meio de perguntas (SELLTIZ *et al.*, 1967, p. 273 *apud* GIL, 2008, p. 109).

3.5.2 Análise dos dados coletados

Para a análise dos dados coletados foi utilizada a perspectiva da análise funcional, que será descrita a seguir. A mesma abrange a contingência tríplice. Para Skinner (1969), a contingência tríplice pressupõe a existência dos seguintes atributos: "(1) a ocasião na qual a resposta ocorre; (2) a própria

resposta; e (3) as consequências reforçadoras” (p. 180). Noutras palavras, sua existência e posterior análise só são efetivadas dentro do cenário de estímulo – resposta – consequência.

4. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os critérios de inclusão foram os seguintes: mulher (cisgênera ou transgênera), maior de 18 anos, participante do grupo feminista Terças Feministas, com participação em pelo menos 4 (quatro) encontros nos últimos 4 (quatro) meses.

Os de exclusão foram estes: não preencher os dados gerais da parte inicial da entrevista ou ainda se ausentar da aplicação da entrevista para coleta de dados antes do seu término.

4.1 ASPECTOS ÉTICOS

4.1.1 Riscos

As mulheres do grupo feminista em questão – Terças Feministas – a partir das respostas (conseguidas por meio da entrevista) poderiam ficar com algum tipo de desconforto nas esferas psíquica, social, intelectual, moral, espiritual e/ou cultural. Essa possibilidade vem em decorrência de as participantes serem submetidas a um tipo de entrevista que requer levantamento de aspectos bastante íntimos de sua trajetória de vida, o que para algumas delas pode ser desconfortável. Além disso, pode ocorrer de perceberem que o engajamento existente no movimento feminista não tem produzido os efeitos desejados ou poderiam ainda entrar em contato com alguma demanda pessoal relacionada à temática que ainda é aversiva.

Sobre tais riscos, a acadêmica-pesquisadora mediu a entrevista para que eles não emergissem a partir dos conhecimentos aprendidos na graduação em Psicologia, quando aprendeu sobre Técnicas de Entrevista Psicológica. Mas, caso ocorressem, a revelia do manejo da acadêmica-pesquisadora, a postura a ser tomada seria a de encaminhá-las ao Serviço de Psicologia (SEPSI), contexto em que tais esferas poderiam ser trabalhadas em

atendimentos de psicoterapia. O SEPSI é um Serviço-Escola do curso de Psicologia, vinculada ao Ceulp/Ulbra, que se encontra no Núcleo de Atendimento à Comunidade (NAC) e que objetiva atender às demandas da comunidade palmense.

Destaca-se que a pesquisa, por se enquadrar nas ciências humanas, não envolve qualquer manipulação biológica ou física, nem no que tange à locomoção das participantes, uma vez que a acadêmica-pesquisadora irá até o local onde o grupo costuma se reunir, no caso a UFT, para coletar os dados.

Cabe ainda acrescentar que qualquer tipo de dano que poderia ocorrer em virtude da pesquisa, previsto ou não no TCLE, conferiu à participante direito à indenização por parte do pesquisador e das instituições envolvidas.

4.1.2 Benefícios

Para as participantes do grupo, a compreensão se o grupo enquanto totalidade vem conseguindo ou não os resultados pelos quais pleiteiam, é importante no que diz respeito à avaliação do comportamento grupal para alcançar o que pretendem. Em caso contrário, houve também a possibilidade de se repensar a respeito das práticas que têm existido. Além disso, o empoderamento presente nas componentes pode ser potencializado, visto que o ato de relembrar quem são, de onde vieram e para onde estão indo intensifica o senso de identidade e pertencimento, tão úteis em todo movimento social subsistente.

4.1.3 DESFECHOS

4.1.3.1 Primário

Estima-se que tal pesquisa conseguirá compreender se as ações envoltas no movimento feminista têm cumprido o que intentam, a saber: a manifestação do contracontrole, objetivando mudanças em nível pessoal e ambiental. Além disso, a própria coleta de dados pode proporcionar espaço de maior reflexão para as participantes, promovendo autoconhecimento.

4.1.3.2 Secundário

Com a pesquisa será possível colocar ainda mais em evidência a pauta feminista, por meio de debates acadêmicos, além da produção de literatura direcionada à temática. Tal conjuntura levará, por conseguinte, à condição de o movimento se tornar ainda mais visibilizado, o que pode repercutir de forma positiva na conquista de direito e ganho de espaço de fala. Por fim, mediante a conclusão, será possível também verificar se o engajamento grupal verdadeiramente produz mudanças.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1. Apresentação do grupo

O grupo Terças Feministas da UFT iniciou como um projeto de pesquisa que foi transformado em grupo de extensão posteriormente. Ele é desenvolvido por mulheres vinculadas a UFT, sendo integrado à Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS).

Além disso, é um grupo aberto, heterogêneo – professoras, alunas das mais variadas instituições e mulheres em geral podem participar – e existe desde o primeiro semestre de 2017. Em contato prévio com a UFT, foi informado que a média de participantes costuma ser de 30 mulheres por encontro, mas tal número é bastante variável. Somado a isso, tem-se que frequência de reuniões (quando está ativo) é quinzenal.

Então, as participantes da presente pesquisa, conforme mencionado na metodologia são mulheres frequentadoras do grupo Terças Feministas. As mesmas terão sua história vinculada ao movimento feminista abordado abaixo.

5.2. Análise das Entrevistas

A seguir serão apresentados os dados levantados na entrevista com as 4 (quatro) participantes. Conforme pode ser verificado no apêndice B, as questões propostas objetivaram levantar antecedentes históricos e atuais para o engajamento na causa feminista bem como as consequências disso, tanto reforçadoras como punitivas. Foram selecionados os principais trechos das falas das participantes, sendo aqueles mais descritivos/explicativos para os comportamentos tidos como feministas. Optou-se ainda por apresentar algumas formulações comportamentais por meio da contingência tríplice, seguida de explicações teóricas adicionais. Abaixo, a narrativa trazida por cada participante será apresentada separadamente e, ao final deste capítulo, serão sinalizados pontos em comum nas falas e, especialmente, as situações de contracontrole.

5.3. Dados Gerais das Participantes

A tabela abaixo apresenta dados gerais das participantes.

Tabela 1: Dados Gerais das Participantes

Participante	Idade	Formação Profissional
Bertha	39	Mestrado em Comunicação
Chimamanda	35	Mestrado em Desenvolvimento Regional
Rebeca	42	Mestrado em Desenvolvimento Regional
Simone	37	Doutorado em Ciências Sociais

Acima, se pode verificar que todas são mulheres com mais de 30 anos de idade, vinculadas ao contexto acadêmico, com titularidade mínima de mestra. Isso indica que elas estão em um espaço privilegiado para abordar a temática em questão, tanto no sentido do trabalho que executam quanto da formação que têm. Aqui, cabe destacar que todos os nomes escolhidos são fictícios, de forma a preservar a identidade das entrevistadas e homenagear importantes feministas.

De acordo com Lira (2019), é válido que as mais jovens se mantenham informadas a respeito do feminismo. No entanto, é preciso também respaldá-las no sentido de que, sim, é legítimo ir para lugares sem maquiagem, porém, os aspectos relativos à violência vivenciada e aos lugares ocupados pela mulher no meio social também precisam ser destacados. É preciso instruí-las de que existem mulheres que não têm contato algum com o movimento devido a suas condições socioeconômicas. Assim, a popularização do feminismo pôde contribuir com a propagação do movimento, todavia, de nada adianta disseminar a palavra feminismo sem assegurar de que frases como “*we all should be feminist*” possam ser lidas e compreendidas pelas mais diversas

mulheres. Tudo isso para que o movimento não seja elitizado, e contemple as demandas de mulheres de diferentes condições sociais.

5.3.1. Bertha

Contingência 1.

Antecedente	Comportamento	Consequência	Reforço Positivo
A partir de leituras sobre feminismo e de vivências	Engajar-se com a causa feminista (participação de grupo e pesquisas sobre o tema)	Constituição de rede de mulheres que se apoiam, garantia de conquistas históricas, conhecimento e reconhecimento social	

É importante citar que o nome Bertha homenageia a feminista brasileira citada no decorrer do trabalho. Neste primeiro exemplo, têm-se determinadas leituras e vivências como ambiente para a emissão de comportamentos de se engajar com o movimento feminista, que, por consequência, trouxeram diversos benefícios, tendendo a aumentar a frequência do comportamento, já que se trata de reforço positivo.

O estímulo antecedente é a parte inicial do que se entende por Tríplice Contingência. De acordo com Moreira e Medeiros (2007) estímulo consiste em: “(...) uma parte ou mudança em uma parte do ambiente” (p. 18). Assim, entende-se que o organismo se modifica mediante instalação de mudança no ambiente. Dessa forma, é consensual que o contexto ambiental exerce controle sobre a resposta (TODOROV, 2012). No caso apresentado, os livros e algumas experiências da sua história de vida (a participante não exemplificou esse ponto) cumpriram função de estímulo antecedente.

O comportamento emitido, que é o de engajar-se com o movimento feminista, pode ser assim entendido: “o que ele [o indivíduo] faz, fala, etc” (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p. 48). Desta forma, os comportamentos (também conhecidos como respostas), são tudo aquilo que o organismo faz, seguido por consequências.

No que se refere à consequência apresentada, observa-se apresentação de estímulo reforçador porque as consequências que seguiram o comportamento aumentam a probabilidade de emissão daquelas mesmas respostas no futuro, a saber: adição de rede de mulheres, garantia de conquistas históricas do feminismo, conhecimento e reconhecimento social.

Sob essa perspectiva, a participante afirma o seguinte:

“(...) Quando a gente está em um grupo a gente fica mais fortalecida e pode ser que fica mais fácil de ajudar a fazer uma denúncia, colaborar com as questões práticas cotidianas (...) Esse contato com os grupos cria mais essa consciência de si e de olhar para as coisas e as relações com as mulheres.”

Noutras palavras, percebe-se o grupo como ambiente extremamente reforçador, visto que o mesmo oportuniza não só obter maior conhecimento e proporcionar ambiente de identificação, mas também proporciona fazer denúncias para situações de violência que se fizerem necessárias. Assim, o grupo é um cenário no qual as ações grupais têm suas próprias consequências além de ser um ambiente de apoio e de modelos.

No que se refere à continuidade dos comportamentos de participação, pode-se destacar a fala de Bertha, quando aponta para o seguinte:

“Bom, o principal motivo [para permanência no grupo e movimento] eu acho que é garantir o que já conseguiu historicamente assim e pensando bem é tão recente e tão pouco por um lado e por outro pode se dizer que são grandes avanços”.

Assim, nota-se o quão reforçador é para a participante assegurar a continuidade do contexto até aqui conquistado por meio dos comportamentos tidos como feministas. Embora haja sim progresso, segundo a perspectiva de Bertha, é importante que a frequência dos comportamentos em pauta se mantenha e não diminua. As mulheres não podem deixar de se comportar, pois correriam o risco de enfraquecer o movimento feminista, pois sem comportamento não há acesso às consequências.

Ainda quanto às consequências, Bertha traz o seguinte:

“Eu acho que passaram [reação dos contextos específicos diante da participação em grupo feminista]... Quando publicizar esse negócio de que agora você está estudando tal coisa, por exemplo, dá outro status, assim... Mas em meu caso foi positivo, não tive nada de ruim, até te coloca em um lugar de uma certa autoridade e a mudança não foi negativa, acho boa no sentido de conhecimento e minha fala passou a ser mais relevante.”

Assim sendo, pode-se notar mais um exemplo de reforço positivo que também veio após emissão do comportamento de participar de grupo feminista. O meio social passou a considerar mais significativa a fala de Bertha, o que também se revela como poderosa fonte reforçadora.

5.3.2. Chimamanda

Contingência 2.

Antecedente	Comportamento	Consequência	Reforço Positivo
Disciplina de mestrado que trazia o termo “feminismo”,	Estudar, de forma aprofundada, sobre a temática / engajar-se	Constituição de rede de mulheres que se apoiam, compreensão de que funções	

observação de
imposições culturais
aos sexos

com movimento

determinadas aos gêneros
podem ser melhor
alteradas/divididas

É importante citar que o nome Chimamanda homenageia a feminista nigeriana. Para Chimamanda, o cenário que favoreceu o comportamento de estudar e de se engajar com o movimento feminista foi a disciplina de mestrado que trazia o termo “feminismo” somada à observação de imposições culturais aos gêneros existentes. As consequências da apresentação de tais respostas consistem na presença de rede de apoio além da compreensão de que funções determinadas a homens e a mulheres podem ser alteradas, bem como divididas. É importante lembrar que tais resultados reforçam a resposta apresentada.

“(...) É... A minha filha faz karatê e eu vejo pais que obrigam os meninos fazerem caratê para serem machos, tem meninos que tem jeito afeminado e têm outros que o pai está pelejando pra colocar o filho pra treinar de qualquer forma, tem pais que estão pelejando para que os filhos fiquem fortes, tem pais que ser protetores e tudo mais, tem pais que não deixam os meninos dançarem. Tem um amigo da A. que gosta de dançar e o pai obriga ele a fazer judô. Como que será que está a cabeça dessa criança? Então tem essa cobrança muito forte também em cima dos meninos, né... E aí vai ficar um menino frustrado, pois está fazendo algo pra suprir algo do pai e da sociedade, então quando a gente trabalha essa igualdade tanto dos meninos como das meninas, ela é benéfica para todo mundo. Então é isso que me move, que me faz continuar lutando, e buscando tornar essa sociedade mais feminista. E isso assusta, feminismo não é isso, tem pessoas que desconstrói, mas tem outras que já têm a opinião formada e não muda. Então essa igualdade de direitos é muito importante e temos que continuar resistindo. Mas eu acho que poderia ser mais leve. Mas vamos aí na luta.”

Com a contingência e falas trazidas pode-se remeter ao que Alves e Pitanguy (1985) afirmam. De acordo com os autores, na contemporaneidade, a busca pela igualdade nas atribuições de atividades determinadas aos gêneros continua. Uma possível explicação para essa desigualdade consiste na existência das relações de poder, que são implícitas.

Tal contextualização pode ainda ser relacionada ao contracontrole, que, quando realizado, pode resultar em maior equilíbrio de reforço social para os gêneros. O contracontrole vem a partir do entendimento de que, apesar da interação com o meio social construir a mulher, a mesma não é obrigada a estar a ele subjugada (SILVA; LAURENTI, 2016). No entanto, só conseguirá modificar tais relações de poder, em que frequentemente homens são

colocados em posição superior, se forem conhecedoras das variáveis envolvidas.

A participante ainda frisa sobre a importância de se estar inserida num grupo social:

“Nossa, tem tanta coisa que o grupo traz de bom para gente. Primeiro seria a rede de apoio que tem pra gente vai criando e a gente vai conhecendo pessoas, outras histórias. A gente acaba conhecendo muita gente, a gente acaba sabendo da história de muita gente, o que torna sensíveis a outras histórias, porque o que eu vivi, o que Rebeca¹ viveu, o que você viveu é diferente. Então cada um traz sua história, a gente faz parte da história por mais que a gente não tenha vivido aquela história. Então o grupo de apoio é muito grande, é uma rede de solidariedade muito grande. A gente encontra feministas pro resto da vida e é bacana porque a gente se reconhece, se apoia, quem sabe desenvolve outras redes. Tem outros grupos que a gente apoia, hoje as meninas fazem as Feiras das Manas. Então a gente que é feminista a gente vai atrás, e toda essa rede de apoio é positiva. Mas dentro das palestras também, dos encontros teve muitos esclarecimentos sobre muitas questões, questões muito pertinentes, muito relevantes sobre as profissões de cada um. Então acho que isso é muito positivo, porque por mais que a gente tenha nossa vivência, tenha nossa história, tenha nossos estudos, a gente não consegue abarcar tudo e vai morrer e não vai conseguir, ler todos os textos, ver todas as histórias.”

A partir da apresentação explanada, a mesma ainda afirma o seguinte:

“A gente não nasce feminista, a gente vai aprendendo, vai tendo contato e isso vai proporcionando experiência profissional, acadêmica e pessoal, né? Então tudo isso vai agregando, né? O que eu venho tendo do grupo, e o que eu posso agregar a minha vida vou agregando, cresci muito e a gente aprende que quando estamos em grupo, a gente sai mais forte, aprende com todas as histórias, com as pesquisas e discussões das outras pessoas. (...) Então é importante essa visão e esse contato.”

Ou seja, segundo a participante, essa rede de apoio (já citada em outras falas) é de grande importância por trazer peculiaridades sobre a história de vida de cada uma, o que abrange as profissões, além de essa rede estabelecida perpassar os encontros quinzenais proporcionados pelo grupo Terças Feministas. Assim, se percebe tais consequências como sendo reforçadoras. Somado a isso, tem-se, com maior riqueza de detalhes, a explanação sobre o como o contato (e o conseqüente aprendizado) com outras vivências é reforçador.

5.3.3. Rebeca

Contingência 3.

¹ Nome fictício, de participante do grupo Terças Feministas.

Antecedente	Comportamento	Consequência	
Professora feminista afirma que não é possível ocupar doutorado sem que acadêmica seja feminista	Estudar sobre feminismo	Vaga no doutorado. Conhecimento maior sobre a causa.	Reforço Positivo

É importante citar que o nome Rebeca homenageia a feminista norte-americana. Para Rebeca, o antecedente para o comportamento de estudar sobre feminismo foi professora feminista ter afirmado que não é possível estar em dado programa de doutorado sem ser feminista. Tal fala esclarece melhor o enunciado:

“A minha experiência com o feminismo foi impactante, em primeiro momento traumática, trouxe vários questionamentos e vou te explicar porquê. O feminismo que a gente... Que eu entendia era essas mulheres que queriam chocar... Que queriam mudar o mundo chocando... É... Quebrando todos os valores sociais que a gente... Que eu prezava né... Então... É... Eu tinha um estigma do feminismo que era as mulheres que gostariam de revolucionar o mundo, mas não em busca de direitos... Pra mim era mais para chocar a sociedade, aí o que que aconteceu... É... Eu resolvi fazer o doutorado e aí optei por uma orientadora que era uma feminista e aí o primeiro dia de aula eu sabia que ela trabalhava com gênero e eu entendia que eu poderia trabalhar gênero sem ser feminista, era a minha estratégia de trabalhar com ela, então quando ela começou a falar sobre gênero, quando ela começou a falar sobre feminismo eu perguntei para ela, tem como eu discutir gênero sem ser feminista? Aí ela não (risos) só por você está aqui, você já é feminista, porque você está ocupando um lugar que se o feminismo não existisse, não teria te dado oportunidade de ocupar, aí eu fui pra casa arrasada porque eu queria por uma questão de oportunidade de profissional, aliás as questões de gênero, né... É... Eu queria retratar a realidade das mulheres no meio rural, era o que eu queria. Mas eu não queria discutir poder, eu não queria discutir a relação, eu não queria discutir nada disso.”

O estímulo consequente se baseou na obtenção de maior conhecimento sobre a causa e, logicamente, a possibilidade de cursar o doutorado. Dessa forma, se observa a existência de reforço positivo, visto que houve aumento da frequência do comportamento mediante adição de consequências. Noutras palavras, nota-se que conhecer mais sobre a causa feminista é reforçador para a participante em pauta.

Contingência 4.

Antecedente	Comportamento	Consequência	
Conhecimento maior sobre feminismo	Combater a violência nas relações interpessoais	Relações mais iguais entre homens e mulheres. Feminismo evidenciado	Reforço Positivo

Nesta contingência, conhecimento sobre feminismo é o antes para o comportamento de combater a violência nas relações interpessoais, que é

seguido pelo acréscimo de relações mais iguais. Assim sendo, o feminismo passa a ser evidenciado.

Conforme Auad, Ramos e Salvador (2017), o feminismo avançou na conquista de alguns direitos, como garantia de educação e acesso ao mercado de trabalho. No entanto, até durante a vivência dos mesmos a mulher ainda pode ser vítima de várias formas de violência. Esse cenário pode ser levado para as interações do meio social e, para a amenização da presente realidade, é importante que escritas, publicações e debates continuem existindo. Isso também porque o patriarcado é presente na sociedade há muitas gerações, não sendo facilmente reversível, pois, por vezes, se mostra incrustado na cultura.

Contingência 5.

Antecedente	Comportamento	Consequência	Reforço Positivo
Conhecimento sobre feminismo	Buscar maior igualdade na distribuição de tarefas	Marido, mesmo revoltado, tem colaborado mais nas tarefas domésticas.	

Nesta contingência, o conhecimento sobre feminismo serviu como cenário para a emissão do comportamento de buscar maior igualdade na distribuição de tarefas, o que trouxe, como consequência, a revolta do marido em momentos de conversas com pares, mas isso não funciona como uma punição positiva para Rebeca, já que, mesmo reclamando, o marido faz as tarefas.

Contingência 6.

Antecedente	Comportamento	Consequência	Reforço Positivo
Conhecimento sobre feminismo	Participar de grupo feminista sendo cristã protestante	Permanência no grupo, desmistificando a ideia de que cristãs protestantes não podem ser feministas	

Nesta contingência o antecedente para o comportamento de participar de grupo feminista foi o conhecimento sobre feminismo. Essa ação resultou em discriminação de outras participantes, devido ao fato de Rebeca ser cristã protestante. Tal situação não é considerada aversiva para Rebeca, uma vez que a participante não diminuiu a frequência de participar do grupo, mas permaneceu objetivando combater a ideia de que cristãs protestantes não podem ser feministas. Assim, a seguinte fala corrobora com o anunciado:

“(...) eu e minhas irmãs em Cristo têm levado, pois é uma luta por direito e isso que a gente vive do machismo, da violência, acontece nos lares das feministas, acontece nos lares de pessoas religiosas, acontece em todos os ambientes. Então eu acho que eu deveria estar lá sim, e acho que não precisaria estar lá envergonhada da minha fé.”

Dessa forma, compreende-se, de forma mais descritiva, a série de comportamentos feministas emitidos pela participante em questão, podendo-se dar ênfase aos mais diversos lugares que o feminismo tem chegado por meio do engajamento existente de Rebeca.

5.3.4. Simone

Contingência 7.			
Antecedente	Comportamento	Consequência	
Conhecimento sobre o livro “O Segundo Sexo”.	Estudar, de forma aprofundada, sobre estudos de gênero e movimento feminista	Melhores oportunidades de trabalho, maior conhecimento sobre a causa	Reforço Positivo

É importante citar que o nome Simone homenageia a feminista francesa. Para a participante Simone, o antecedente para o comportamento de estudar, de forma aprofundada, sobre estudos de gênero e movimento feminista foi a leitura do livro O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir. Os efeitos que seguiram tais comportamentos foram: melhores oportunidades de trabalho, fruto dos estudos sobre feminismo, e maior conhecimento sobre a causa. Considera-se esse conjunto de consequências como reforço positivo.

A seguinte fala confirma o exposto:

“(...) o feminismo ele me oportunizou adentrar em vários espaços. O feminismo me oportunizou ter uma consciência crítica sobre situações de machismo, situações de violência que eu vejo. A gente vê cotidianamente, né? Não precisa procurar muito porque você acaba encontrando situações como essa”.

Dito isso, torna-se necessário frisar a importância do livro O Segundo Sexo, já explanado anteriormente. Esse livro apresenta clara crítica ao modelo patriarcal, bem como os malefícios advindos dele. Méndez (2008) corrobora com isso, quando afirma: “este trabalho pioneiro, que somente no idioma francês vendeu mais de um milhão e meio de cópias, foi um verdadeiro marco intelectual do século XX, influenciando gerações posteriores e inúmeras pensadoras” (p. 33).

Segundo o autor supramencionado, esse livro não só contribuiu com o maior entendimento sobre as mulheres e sobre as questões de gênero, mas

também auxiliou o estudo dos feminismos, entre a década de 60 e 70 – que foi quando a segunda onda do feminismo se instaurou, sendo caracterizada pela busca do direito ao corpo e pela conquista do prazer (ibid.,).

Contingência 8.

Antecedente	Comportamento	Consequência	Reforço Positivo
Por causa de conversa com Chimamanda e Bertha	Criar o grupo Terças Feministas	Constituição de rede de mulheres que se apoiam	

Nesta contingência apresentada, o estímulo antecedente para o comportamento de criar o grupo Terças Feministas consiste na conversa de Simone com Chimamanda e Bertha. A consequência desse comportamento é a constituição de rede de mulheres que se apoiam, de espaço para diálogo e luta contra as desigualdades de gênero.

De acordo com Soares (1994, p. 22), “não existe um só sujeito histórico que enfrente e transforme estas relações [desiguais] em nome de todos os oprimidos. Reconhece uma multiplicidade de sujeitos que, desde sua opressão específica, questionam e atuam para transformar esta situação”. Com isso, pode ser reafirmada a importância de, em conjunto, se buscar o diálogo e o bem comum, somados ao enfrentamento desse cenário percebido como aversivo. O enfrentamento se dá por intermédio de questionamento e atuação. Assim, será possível a transformação do contexto destacado.

De acordo com as falas das participantes, é notório que não apenas o estudo, mas também outras experiências pessoais caracterizaram o que se entende por estímulo antecedente. Então, o contato com livros sobre feminismo, o ambiente acadêmico e a observação de imposições culturais aos gêneros foram ocasião para que as participantes se engajassem em comportamentos compatíveis com o esperado para feministas num momento futuro.

Após esclarecimento inicial das participantes sobre o feminismo, foi possível que se engajassem de fato na causa, uma vez que, dentre outras coisas, fomentaram a criação de um coletivo de mulheres para discutir a temática. Portanto, isso ilustra o exercício do feminismo por elas. Elas estão inseridas em um cenário maior, pois, conforme Sarti (2004 *apud* AUAD; RAMOS; SALVADOR, 2017), assistiu-se, de fato, ao crescimento de grupos

feministas no Brasil e, em decorrência dessa expansão, a influência do coletivo passou a estar em “associações profissionais, partidos, sindicatos” (p. 195).

Conseqüentemente, ainda conforme o autor acima houve maior legitimação das mulheres em vários papéis da sociedade, como os de pessoa, cidadã e profissional, o que pode ser visto como reforçamento do comportamento visto como feminista. Contudo, apesar da existência desse avanço, o processo citado não se encontra acabado, visto que ainda existem lacunas a ser preenchidas. Por esse motivo faz-se necessário que, continuamente, a prática esteja aliada ao campo reflexivo.

Considerando as contribuições de todas as participantes, é possível fazer algumas amarrações nesse momento, a partir das falas abaixo:

“Mas o grande ganho do grupo é justamente isso, a gente acaba ganhando uma rede de mulheres, é uma rede de proteção” (BERTHA).

“A gente não nasce feminista, a gente vai aprendendo, vai tendo contato e isso vai proporcionando experiência profissional, acadêmico e pessoal, né? Então, tudo isso vai agregando, né? O que eu venho tendo do grupo, e o que eu posso agregar a minha vida vou agregando, cresci muito e a gente aprende que quando estamos em grupo, a gente sai mais forte, aprende com todas as histórias, com as pesquisas e discussões das outras pessoas” (CHIMAMANDA).

“Então assim, é um grupo diverso, a superação é eu não me importar com o que vão falar de mim por eu estar ali, quem quiser conhecer um pouco mais, vai ver que tem pessoas de diferentes religiões, de diferentes contextos, vou conversar sobre isso e se quiser me julgar, paciência, né? Eu acho que é um pouco isso, né? Resistência enfrentadas é justamente isso, né? Dos julgamentos a partir do ambiente que a gente esta inserido, né?” (REBECA).

“Olha! Eu acho que [o que o grupo traz de positivo] o fato de abrir um espaço para dialogar” (SIMONE).

Assim, percebe-se a importância dos grupos sociais como importantes fontes de reforço. Coelho (2016) assevera que a ideologia preponderante cumpre função de separação e de individualização para que, assim, enfraqueça a razão para se buscar por objetivos comuns. Assim, pode-se dizer que seu objetivo é enfraquecer os comportamentos feministas. No entanto, no grupo de mulheres elas conseguem apoio, reforço e amparo. Noutras palavras, estar no grupo torna-se um poderoso reforçador e, especialmente, ajuda na emissão de comportamentos de contracontrole, o que será explorado a seguir.

5.3.5. O contracontrole exercido pelas participantes

Para se chegar ao contracontrole, é importante partir da premissa de que todo indivíduo vive sob controle das variáveis ambientais, ou seja, o contexto dispõe de dadas variáveis, que oportunizam dados comportamentos e isso gera controle a partir das consequências das respostas emitidas. Dessa forma, as consequências dos comportamentos controlam as pessoas (MOREIRA, 2016).

O contracontrole pode ser enxergado como o entendimento, por parte do indivíduo, das variáveis que o controlam e, mediante isso, passa-se a emitir comportamentos operantes direcionados à amenização da situação aversiva vivida (MEDEIROS, 2014).

Neste sentido, as falas das participantes do grupo Terças Feministas representam bem o conceito lembrado. De acordo com a participante Bertha:

“(...) agora a gente tem que ter mais resistência ainda, porque eu acho que só piora a situação a cada ano”.

(...)

“Por questões culturais, e não sei como explicar o porquê, mas é uma coisa que mais me deixa nesse embate assim, porque às vezes existe essa coisa de que não acontece uma relação do jeito que gostaria, o marido não é e tem total liberdade; em relação a meu filho às vezes dou uma escorregada e sai uma frase machista, ou quando eu digo que não pode fazer tal coisa por causa disso e daquilo... Então para mim o principal embate é a contradição e tento levar assim, né? Tento me vigiar na maneira e acho que é isso. A gente quer fazer, quer atuar, quer ser, quer viver e às vezes a gente não consegue né? Dentro dos espaços”.

Assim sendo, pode-se enxergar o comportamento de contracontrolar o controle exercido pelas agências de controle instauradas na cultura. Noutras palavras, Bertha entende que é necessário se comportar com mais resistência, uma vez que o cenário vigente se mostra aversivo para as mulheres. Além disso, a mesma traz uma narrativa que representa suas dificuldades pessoais ao levar os comportamentos feministas para os seus contextos pessoais, uma vez que nem sempre consegue ter êxito naquilo que intenciona. No entanto, ela continua a se comportar, compreendendo que é necessário manter a frequência para que os resultados almejados apareçam, especialmente porque agora ela conhece as variáveis envolvidas que são fruto da lógica patriarcal. Tal lógica permeia suas relações familiares e ela mesma, eventualmente, faz falas machistas, mas as reconhece e tem, assim, a oportunidade de contracontrolar.

A participante ainda corrobora com o exposto a partir do seguinte:

“(...) falando de Brasil, isso para mim é muito claro esse retrocesso e isso tem a ver com a eleição, tem a ver com essa polarização e eu acho que o resultado da eleição não tem a ver só com os políticos, tem a ver com a sociedade e são responsáveis por coisas que acontecem assim e sempre aconteceram: mortes, violência. Mas ele dá força para esses grupos. ‘Tá ok, é assim mesmo’. O resultado deu força para isso e vai fortalecer o que há de ruim, assim, por isso que não dá para desistir e sim resistir embora que vai ser muito pior do que foi nos últimos anos.”

Desse jeito, para Bertha, uma vez compreendida a possibilidade de sair da posição aversiva que se encontra, busca meios de transformar seu cenário social mediante comportamentos de contracontrole. Destarte, a mesma reforça a importância de buscar enfraquecer as atuais agências de controle.

Para a participante Chimamanda, as variáveis da sua realidade são as seguintes:

*“A gente desconstrói o machismo dentro de casa, no ciclo de trabalho, de relacionamento, a gente consegue desconstruir muita coisa e tem muito que avançar ainda, a gente consegue avançar no nosso meio, mas acredito que devemos avançar na sociedade toda, tem muita gente que não teve contato com o feminismo, tem muita gente que tem medo do feminismo, tem gente acha que feminismo é só mostrar os peitos e ser contra religião. Então tem muito o que desconstruir e é um trabalho de formiguinha mesmo.
(...) eu tento trazer para o ambiente de trabalho, eu tento incluir a mulher nesse sentido para as pessoas irem se adaptando a essas questões, então no meu ambiente de trabalho foi aderindo só com a convivência e não pela participação. Então eu acho teve uma certa influência sim no meu grupo. Mas tem muito o que se avançar, tem que chegar em outros espaços pra gente ocupar mais espaços. Mas no meu meio sim.”*

Desta forma, fica evidenciado que esse é um trabalho gradativo, ou seja, que a mudança, por meio do contracontrole, surge aos poucos no cenário social. Ainda deve-se destacar que a mudança parece ser mais efetiva nos pequenos espaços frequentados pela participante, talvez pelo fato de o comportamento de grupo, na verdade, ser o resultado do comportamento individual de várias pessoas. Assim, para Skinner (1953), “o comportamento social pode ser entendido como o comportamento de duas ou mais pessoas em relação a uma outra ou em conjunto em relação ao ambiente comum” (p. 325).

No entanto, apesar da fala ressaltada, a participante ainda entende que o estímulo consequente é frágil como reforçador no ambiente doméstico, havendo um descompasso entre o modo como ela consegue mobilizar seus alunos e a dificuldade de seguir o mesmo padrão em casa.

“Eu sinto que sim, às vezes a gente tenta fazer revolução com alunos, né? Na rua e tudo mais, e parece que está dando certo e dentro da nossa família a gente não consegue revolução... Então algumas pessoas que não estão muito abertas a essas mudanças, né? A dialogar sobre isso e são bem fechadas...”

Neste ponto levantado, Chimamanda traz a realidade de que a emissão de seus comportamentos parece trazer consequências sobre os que estão em contextos maiores, como as pessoas vinculadas a instituições de ensino, enquanto que seu meio social adere pouco às tentativas de transformação nas relações por intermédio de comportamentos considerados feministas, como debater acerca de violência nas relações interpessoais. Aqui, é cabido enfatizar que esse conhecimento sobre as variáveis traz responsabilidade diferenciada sobre seu contexto, uma vez que, neste novo ambiente, a prática do contracontrole se mostra necessária.

Quanto às superações experienciadas em virtude da participação no movimento feminista, Chimamanda afirma que:

“Eu acho que a superação foi mais no sentido de saber meu lugar, onde eu estou nessa cadeia que estabelece um lugar pra gente, e como reagir a essas questões”.

Tal narrativa pode ser relacionada à associação estabelecida, ao longo do trabalho, entre contracontrole e feminismo, tendo em vista que o movimento tem como antecedente o conjunto de desigualdades experimentadas ao longo da história. Então, na contemporaneidade, o comportamento de contracontrolar pode ser enxergado tendo como objetivo a garantia de direitos pessoais e sociais, o que é confirmado pela fala citada anteriormente. Ou seja, a participante pode se comportar de forma a não reforçar o lugar historicamente determinado para a mulher, podendo, assim, se comportar de outras formas que sejam, para a mesma, mais reforçadoras.

De acordo com a fala de Rebeca, pode-se perceber, ainda, a existência dos comportamentos de contracontrole quando a mesma busca maior divisão na distribuição de tarefas domésticas e combate à violência psicológica que em alguns momentos se manifestou no seu relacionamento conjugal. Assim:

“(...) porque você está em um ambiente doméstico, todo mundo é responsável pela casa, todo mundo é responsável pela organização da casa, e por que algumas atividades são atribuídas a mim se todo mundo ia ser beneficiado com isso, sabe?”

“(...) vou citar uma situação. Por exemplo, no meu relacionamento conjugal muitas vezes... É... Era uma violência psicológica e que eu resistia, mas que eu não tinha noção de que aquilo pode gerar outro tipo de violência se a gente não for no caminho de resistência

combater certos tipos de violência psicológica no ato, né? No ato de falar, de pedir, de mandar, entendeu? (...)

Noutras palavras, com o entendimento de que os papéis impostos a ela são estabelecidos pela agência de controle patriarcado, a participante passa a ter condições de analisar essas variáveis presentes na realidade e então contracontrolar essa agência que tem controlado-a.

No que tange às desigualdades presentes nas relações, Rebeca afirma o seguinte:

“Então eu concebo hoje que as condições sociais, elas geram desigualdades e essa desigualdades nos atingem e a possibilidade de romper com esse ciclo, é o que o feminismo traz, né? Por isso que eu te falo hoje que eu sou feminista (risos)”.

“A gente não quer apenas dizer pro mundo que a gente não aceita isso, a gente quer mudar essa realidade e mudando essa realidade que devemos mover todo mundo. Então assim, é um grupo diverso, a superação é eu não me importar com o que vão falar de mim por eu estar ali, quem quiser conhecer um pouco mais, vai ver que tem pessoas de diferentes religiões, de diferentes contextos, mas o que nos une o que quer saber de mim, o que nos une, eu vou conversar sobre isso e se quiser me julgar, paciência, né?”

Assim, a partir das falas apresentadas, percebe-se manifestação de contracontrole (o que reforça o abordado até aqui) na maneira de levar esses comportamentos feministas ao cenário social e, assim, alcançar mais pessoas e conseguir relações mais satisfatórias por meio de ações combativas.

Para a participante Simone a principal forma de contracontrolar adotada e, assim conquistar relações mais igualitárias, refere-se ao envolvimento com os estudos nessa área.

“Bom, que eu me recorde a primeira vez [que ouviu falar sobre feminismo] foi quando eu li o livro O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir. E naquele contexto o livro me permitiu entender melhor essa questão da desigualdade entre os gêneros. Então a partir daquele momento, pelo livro dela, eu tomei conhecimento do feminismo e depois disso eu comecei a me engajar, participei de uma ONG feminista, desde então minha trajetória acadêmica tem sido na área dos estudos de gênero.”

Deste modo, compreende-se que esse conhecimento tem sido ambiente para a emissão de comportamentos tidos como feministas. Isso pode ser exemplificado por meio dos comportamentos de participação em ONG feminista e criação do grupo Terças Feministas.

No tocante aos comportamentos emitidos pelas participantes, pôde-se verificar, ainda, a variabilidade comportamental de que dispunha cada participante. Segundo Hunziker e Moreno (2000), variabilidade pode ser

entendida como alteração entre elementos, ou seja, é vista como as diferenças entre determinadas unidades fixadas num dado universo. Dessa forma, mediante os vários comportamentos existentes, torna-se possível entender mais sobre as ações emitidas pelo sujeito em seus contextos.

Ou seja, havia amplo repertório de comportamentos que podiam ser executados em diferentes contextos, fato que facilitou o enfrentamento das situações adversas mediante comportamentos também diversificados. Dessa forma, em cenários que boa parte das pessoas se sentiriam punidas, as participantes consideravam oportunidade para disseminar ainda mais o feminismo, o que se dá por meio de comportamentos como esclarecer ideias, punir comportamentos considerados inadequados e incentivar novos comportamentos nos outros.

Desta forma, percebe-se a importância do engajamento de coletivos em prol de uma causa e como tal ação pode resultar em transformações sociais, transformações essas que atingem também a cultura. Todavia, não foi possível, neste trabalho, contemplar essa dimensão; essa variável pode ser, futuramente, considerada e, assim, pesquisas envolvendo macrocontingência e metacontingência podem ser realizadas num tempo futuro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas narrativas das participantes do grupo Terças Feministas foi possível constatar o conhecimento teórico e técnico sobre feminismo somado às violências sofridas por elas ou por mulheres presentes nos seus círculos sociais como importante antecedente, servindo como base para o comportamento de se engajar posteriormente com o movimento feminista. Assim, entende-se como a importante divulgação do conhecimento teórico feminista pode se mostrar eficiente.

Destacou-se também a variabilidade comportamental verificada nas participantes, visto que as mesmas se mostraram tão engajadas com o movimento feminista, que, devido à possibilidade de acessar comportamentos presentes nos seus repertórios comportamentais, puderam exercer contracontrole e permanecer se comportando, uma vez que só assim é possível experimentar as consequências que seguem o comportamento.

Portanto, diante do estudo realizado, observa-se a reafirmação da importância de se abordar questões relativas à desigualdade, gênero e violência. Os dados são alarmantes (VELASCO; CAESAR; REIS, 2018) e apontam para o aumento de casos violentos que têm como vítima a mulher. Dessa forma, buscou-se verificar como o feminismo influi sobre os processos descritos, uma vez que sua conceituação corresponde à busca por direitos de cunho social e político.

A pesquisa objetivou compreender se as participantes do grupo feminista estão alcançando o que se propõem. O enfoque adotado se baseou na Análise do Comportamento, que busca compreender não apenas o contato existente entre o sujeito e seu contexto, busca também entender os comportamentos emitidos em grupo.

A linha teórica em questão parte do pressuposto de que todo ser humano é controlado, mas isso não quer dizer controle aversivo, mas a dependência que se tem ao ambiente. Dessa forma, no comportamento em grupo é possível encontrar respostas de resistência no que concerne às agências de controle. Tais respostas são fruto do conhecimento das variáveis presentes em dado contexto – para tais comportamentos, dá-se o nome de contracontrole. Esses comportamentos objetivam proporcionar alterações, na

esfera pessoal e coletiva, acerca das variáveis controladoras tidas como aversivas.

Assim sendo, a pesquisa associou o Feminismo e a Análise do Comportamento, considerando que a abordagem analítico-comportamental é eficaz no que tange ao satisfatório conhecimento grupal, além de trazer a compreensão sobre a presença ou ausência de contracontrole.

Como sugestão para trabalhos futuros, é importante entrevistar mulheres de faixas etárias, escolaridade e participação no grupo mais diversificadas, além de participantes que não estão vinculadas a uma instituição de ensino. Vale destacar também que se a entrevista desse trabalho for reaplicada posteriormente, as chances de se entender mais da influência do grupo em nível social aumentariam. Pois o grupo em questão, apesar de ter um público heterogêneo, teve como membros mais ativos as mulheres que participaram de sua fundação, somado ao fato de que todas são vinculadas a alguma instituição de ensino. Tem-se também a variável da recenticidade do grupo, o que se torna relevante para a análise do proposto.

Finalmente, reafirma-se a relevância de causas sociais contarem com coletivos, pois esses se constituem como um cenário altamente reforçador e importante no que tange à permanência da frequência de comportamentos emitidos – comportamentos esses que visam fortalecer o movimento social do qual se participa. Sua importância existe também no sentido de ajudar a aumentar a variabilidade comportamental do sujeito que participa e que pode, por meio do contracontrole, gerar transformações sociais na sua própria realidade.

REFERÊNCIAS:

- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo?** São Paulo: Ed. Abril cultural; Brasiliense, 1985.
- ALVES, A. C. F.; ALVES, A. K. S. **As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres.** IV Seminário Cetros Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social 29 a 31 de maio de 2013 – Fortaleza – CE – UECE – Itaperi.
- ANDRADE, D. M.; NETO, D. M. R. Liberdade e Autocontrole: uma discussão sob o enfoque analítico-comportamental. **Comportamento em foco**, São Paulo, p. 45-59, 2011.
- AUAD, D. Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria gênero. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 56, p. 136-143, dezembro/fevereiro 2002; 2003.
- AUAD, D.; RAMOS, M. R. N.; SALVADOR, R. B. Educação, emancipação e feminismos possíveis: um olhar histórico sobre a desigualdade de gênero na escola. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 10, n. 4, p. 186-208, set./dez. 2017.
- BARBOSA, N. **'As Sufragistas' resgata luta pelo voto feminino na Inglaterra de 1912.** 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2015/12/sufragistas-resgata-luta-pelo-voto-feminino-na-inglaterra-de-1912.html>>. Acesso em: 13/09/2018.
- BAUM, W. M. **Compreender o Behaviorismo: ciência, comportamento e cultura.** 2º ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BISSOLI, E. B.; MICHELETTO, N. O ser humano capaz de dar direção à sua vida. **Comportamento em foco 4**, 2014. P. 331-250. Disponível em: <<http://abpmc.org.br/arquivos/publicacoes/141622281567a933aae65d.pdf>>. Acesso em: 29/10/2018.

CASTRO, M. S. L. B.; ROSE, J. C. C. **A ética skinneriana e a tensão entre descrição e prescrição no behaviorismo radical**. 1º ed. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2008. 132 p.

COELHO, M. P. Vozes que Ecoam: feminismo e mídias sociais. **Pesquisa e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, jan./jun. 2016.

COUTO, A. G.; DITTRICH, A. Feminismo e análise do comportamento: caminho para o diálogo. **Revista Perspectivas**, v. 8, n. 2, pp. 147-158, 2017. Disponível em: <<https://revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/261/225>>. Acesso em: 02/12/2018.

DITTRICH, A. **Behaviorismo Radical, Ética e Política: aspectos teóricos do compromisso social**. São Carlos: UFSCar, 2004. 480 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4745/TeseAD.pdf?sequencia=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04/12/2018.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2008. 200 p.

HUNZIKER, M. H. L.; MORENO, R. Análise da noção de variabilidade comportamental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Paulo, vol. 16, n. 2, p. 135-143, 2000.

LIRA, A. O feminismo é comercial? **New Order**, São Paulo, 31 de jan. de 2019. Disponível em: <<https://medium.com/neworder/o-feminismo-%C3%A9-comercial-484a125e738f>>. Acesso em: 01/06/2019.

MANZINI, E. J. Considerações **sobre a transcrição de entrevistas**. 2009. 17 p.

MEDEIROS, C. A. “Que a força esteja com você”: uma visão analítico-comportamental da saga de “guerra nas estrelas” in: **Skinner vai ao cinema**, vol. 1., 2º ed. Organizado por Ana Karina Curado Rangel de-Farias e Michela Rodrigues Ribeiro. Brasília: Instituto Walden4, 2014. 256 p. Disponível em: <https://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4_skinner_vai_ao_cinema_v1_2a_ed_2014.pdf>. Acesso em: 28/10/2018.

MELO, C. M. **A Concepção de Homem no Behaviorismo Radical e suas Implicações para a Tecnologia do Comportamento**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4770/2672.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 02/12/2018.

MIRANDA, C. M. Os movimentos feministas e a construção de espaços institucionais para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil e no Canadá. **Revista Interfaces Brasil-Canadá**, v. 15, p. 347-387, 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/os%20movimentos%20feministas_cyntia.pdf>. Acesso em: 24/08/2018.

MOREIRA, L. S. **Dificuldades e dilemas na cooperação entre catadores de materiais recicláveis: o caso da ASCAMPA – Palmas – TO**. 2016. Tese (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Universidade Federal do Tocantins, Palmas.

MOREIRA, M. B. **Comportamento e práticas culturais**. Brasília: Instituto Walden4, 2013.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios Básicos de Análise do Comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, L. P. R.; CASSAB, L. A. O Movimento Feminista: algumas considerações bibliográficas. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014. **GT10 - Teorias**

Feministas. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_La%C3%ADs%20Paula%20Rodrigues%20de%20Oliveira%20e%20Latif%20Cassab.pdf>. Acesso em: 08/09/2018.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara KOOGAN, 1995. 596 p.

PINTO, C. R. J. Feminismo, História e Poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 12/09/2018.

RUIZ, M. R. Personal agency in feminism theory: evicting the illusive dweller. **The Behavior Analyst**, n. 21, 1998. Disponível em: <<https://gedacmt.files.wordpress.com/2014/09/2014-feminismo-traduzido.pdf>>. Acesso em: 04/12/2018.

SILVA, E. C.; LAURENTI, C. B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: "a mulher" à luz do modelo de seleção pelas consequências. **Perspectivas**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 197-211, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482016000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28/10/2018.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (Publicado originalmente em 1953).

_____. **Contingências do Reforço: uma análise teórica**. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

_____. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

_____. **O comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. **O mito da liberdade**. São Paulo: Summus, 1983. 166 p.

SOARES, V. Movimento Feminista: paradigmas e desafios. **Estudos Feministas**. 1994. P. 11-24. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16089/14633>>. Acesso em: 22/04/2019.

TODOROV, J. C. Sobre uma definição de comportamento. **Perspectivas**, São Paulo , v. 3, n. 1, p. 32-37, 2012 . Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482012000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17/04/2019.

VELASCO, C.; CAESAR, G.; REIS, T. **Cresce o nº de mulheres vítimas de homicídio no Brasil; dados de feminicídio são subnotificados**. 2018.

Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/cresce-n-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-no-brasil-dados-de-femicidio-sao-subnotificados.ghtml>>. Acesso em: 09/11/2018.

WALKER, R. Becoming the Third Wave'. **Ms. Magazine**. 2002. 3-5. Disponível em:

<<http://www.msmagazine.com/spring2002/BecomingThirdWaveRebeccaWalker.pdf>>. Acesso em: 13/09/2018.

WEBER, L.N.D. Algumas notas sobre o conceito de poder em Skinner.

Psicologia Argumento, 9, 1989. P. 29-39. Disponível em:

<<http://www.cemp.com.br/artigos.asp?id=36>>. Acesso em: 29/10/2018.

ZANELLO, V.; ROMERO, A. C. Vagabundo ou vagabunda? Xingamentos e relações de gênero. **Labrys**, estudos feministas, v. 22. 2012. Disponível em:

<<http://www.labrys.net.br/labrys22/libre/valeskapt.htm>>. Acesso em: 14/09/2018.

APÊNDICES

Apêndice A
ROTEIRO DE ENTREVISTA
DADOS GERAIS

Nome:
Idade:
Formação Profissional:

Apêndice B

ENTREVISTA SOBRE CONTRACONTROLE FEMINISTA

1. Quando você ouviu falar pela primeira vez em feminismo, o que pensava a respeito?
2. Como se deu o processo de conhecimento inicial do grupo até você se tornar ativa no mesmo?
3. Quais pautas levantadas no grupo mais te representam? Por quê?
4. Quais os benefícios trazidos pelo engajamento com o grupo? Por que você os considera positivos?
5. Quais as principais superações e resistências enfrentadas em virtude da participação no grupo?
6. Por quais razões você continua a pleitear pela causa feminista? Como tem sido permanecer?
7. Como é a sua participação no grupo?
8. A sua autopercepção foi alterada mediante as discussões desenvolvidas no grupo?
9. Depois da sua adesão ao grupo, o comportamento das pessoas próximas se modificou? Como se deu?
10. Depois da sua entrada no grupo feminista o comportamento da sociedade, de forma geral, se modificou? Por quê?



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Apêndice C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A sra. está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa **“Liberdade Skinneriana e o Movimento Feminista: um estudo a partir do contracontrole”**. Neste estudo pretendemos descrever o contracontrole exercido por mulheres do movimento feminista em Palmas – TO, ou seja, verificar como tem sido a emissão dos comportamentos de resistência, bem como as consequências existentes a partir disso.

Os motivos que nos levam a esta pesquisa relacionam-se à constatação da expressividade dos índices de violência cometidos contra a mulher. Assim, as relações de gênero precisam ser entendidas e modificadas, de modo a culminar em maior equidade de reforçadores sociais para ambos os gêneros.

Tal verificação ainda pode levar à compreensão se o grupo enquanto totalidade tem conseguido ou não os resultados pelos quais pleiteiam, além de proporcionar maior autoconhecimento do ponto de vista pessoal, há ainda a possibilidade de se visibilizar o movimento, mediante o desenvolvimento de produções científicas e, conseqüentemente, discussões no âmbito acadêmico.

Foram delineados para este estudo os seguintes procedimentos: observação sistemática, momento em que serão feitas visitas ao local. Logo após haverá aplicação de uma entrevista para verificar se o contracontrole tem existido e, se sim, em quais condições. Os dados coletados serão analisados mediante contingência tríplice.

Essa pesquisa pode envolver riscos, pois as participantes podem ficar com algum tipo de desconforto nas esferas psíquica, social, intelectual, moral, espiritual e/ou cultural. Essa possibilidade vem em decorrência de as participantes serem submetidas a um tipo de entrevista que requer levantamento de aspectos bastante íntimos de sua trajetória de vida, o que para algumas delas pode ser desconfortável. Além disso, pode ocorrer de perceberem que o engajamento existente no movimento feminista não tem produzido os efeitos desejados ou podem ainda entrar em contato com alguma demanda pessoal relacionada à temática que ainda é aversiva. A acadêmica-pesquisadora mediará a entrevista para que eles não emirjam, a partir dos conhecimentos aprendidos na graduação em Psicologia, quando aprendeu sobre Técnicas de Entrevista Psicológica.

. Caso isso ocorra, a pesquisadora irá explanar acerca das diversas resistências que todo processo de mudança social enfrenta e, se for necessário, encaminhar para o Serviço de Psicologia (SEPSI).

Assinatura da Participante

Assinatura da Acadêmica-

Pesquisadora

Assinatura do Pesquisador
Responsável

Destaca-se ainda que qualquer tipo de dano que venha a ocorrer em virtude da pesquisa, previsto ou não no TCLE, confere ao participante direito à indenização por parte do pesquisador e das instituições envolvidas.

Ao participar dessa pesquisa você não terá nenhum custo e também não receberá vantagem financeira. Qualquer esclarecimento que você julgue necessário receber acerca da pesquisa será prontamente fornecido. Você também está livre para participar deste estudo ou para recusar-se. Após consentir assinando o presente termo, você também poderá retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer tempo, sem que isso lhe pese qualquer prejuízo. Frisa-se que sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que a pesquisadora se relaciona com você.

Sua identidade será tratada pela pesquisadora partir dos padrões profissionais de sigilo, sendo seu nome ou qualquer material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. A Sra. não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Estarão ainda a sua disposição os resultados da pesquisa quando esta for finalizada, se assim o desejar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, no Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP) e a outra será fornecida a você.

Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, a pesquisadora assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informada dos detalhes do estudo, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura da Participante

Assinatura da Acadêmica-
Pesquisadora

Assinatura da Pesquisadora
Responsável

Palmas, _____ de _____ de 20_____.

Assinatura da Participante

Lauriane dos Santos Moreira
Pesquisadora Responsável

Nome completo da Testemunha

Assinatura da Testemunha

Em caso de dúvidas sobre os aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o: CEP CEULP – Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas – TO.

Telefone: 3219-8076

E-mail: etica@ceulp.edu.br

Sala: 541 (Prédio 5) Complexo Laboratorial 1º Piso

Horário de atendimento: De Segunda à Sexta das 8h às 12h e 14h às 18h (exceto em dia de reunião).

Secretária do CEP: Leila Rodrigues Lavrista